



ANO**2**VOLUME**4**

O**Fantástico**Coração**Subterrâneo**Diego**Fortes**

Históriasde**Urubus**Luiz**Bertazzo**

A**Sopa**Silvia**Maria**

LugarNenhum**Janja**

núcleo de **dramaturgia** sesi **paraná** curitiba



O Fantástico Coração Subterrâneo

Diego Fortes

Histórias de Urubus

Luiz Bertazzo

A Sopa

Silvia Monteiro

Lugar Nenhum

Janja

ANO 2 VOLUME 4

Curitiba Paraná Brasil

SESI – Serviço Social da Indústria
Departamento Regional do Paraná

Presidente da FIEP
Edson Campgnolo

Diretor Superintendente SESI PR
Jose Antonio Fares

Os direitos de reprodução, de adaptação ou de tradução desta guia são reservados ao SESI - Departamento Regional do Paraná, inclusive a reprodução por procedimento mecânico ou eletrônico.

O fantástico coração subterrâneo. / Fortes, Diego. Histórias de urubus. / Bertazzo, Luiz. A sopa. / Monteiro, Silvia. Lugar nenhum. / Janja.
– Curitiba : SESI/PR, 2011.
225 p. ; 20 cm. – (Núcleo de dramaturgia SESI Paraná, v. 4).

ISBN 978-85-61425-59-3

1. Teatro (Literatura). 2. Teatro brasileiro. 3. Literatura paranaense.

I. Fortes, Diego. II. Bertazzo, Luiz. III. Monteiro, Silvia. IV. Janja. V. Títulos.

CDU 792

Direitos Reservados:
SESI – Serviço Social da Indústria
Departamento Regional do Paraná
Avenida Cândido de Abreu, 200
CEP 80.530-902 – Curitiba – Paraná
Telefone: (41) 3271 9000

Sumário

Apresentando o projeto	07
Apresentando o Núcleo	09
Parceria Teatro Guaíra	11
Parceria British Council	13
Prefácio	15
O fantástico coração subterrâneo Diego Fortes	19
Histórias de Urubus Luiz Bertazzo	103
A sopa Silvia Monteiro	161
Lugar Nenhum Janja	225

as realizações que de uma forma ou outra ajudam a melhorar o cotidiano ou tornar mais promissor o futuro dos cidadãos costumam ter mais resistência ao tempo e, portanto, enriquecem a história de empresas e entidades, independente do seu setor de atuação. Entre elas, a cultura se destaca como uma das atividades que mais impactam a vida das pessoas, porque eleva o conhecimento, abre horizontes e dá prazer ao espírito.

A partir dessa ótica, é possível entender a importância da presença do Sesi Paraná na área cultural. Com o Núcleo de Dramaturgia, a entidade assume o importante papel de apoiar a formação de novos autores teatrais e de aprimorar talentos já em desenvolvimento. E, é claro, de valorizar o público, que tem a oportunidade de conhecer e vivenciar cultura de alta qualidade.

Dispensável dizer que o teatro não existe sem o autor, o que dá a dimensão deste programa, cujo objetivo é contribuir para melhorar a qualidade da dramaturgia no Paraná, com autores que falem dos anseios e angústias de todos nós.

É importante notar que São Paulo e Rio de Janeiro se tornaram, há pouco mais de uma década, celeiros da dramaturgia contemporânea, com autores reconhecidos no Brasil e no exterior. O nosso Núcleo de Dramaturgia coloca o Paraná nesse circuito criativo ao dar vazão aos talentos da terra e, também, ao atrair para cá, como parte das atividades de formação dos novos autores, dramaturgos consagrados pela crítica e público.

Esta publicação, já na sua segunda edição, traz textos dos novos autores formados pelo Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná e é a clara evidência do excepcional resultado dessa iniciativa.

Boa leitura.

Edson Campagnolo

Presidente do Sistema Federação das Indústrias do Estado do PR

a solidez dos empreendimentos se confirma pela sua continuidade. A continuidade, por sua vez, manifesta-se em trabalhos exitosos. Esse é o panorama que se percebe quando dirigimos a vista ao Núcleo de Dramaturgia, projeto realizado em parceria com o Centro Cultural Teatro Guaíra e apoio do British Council, com coordenação do dramaturgo Marcos Damaceno.

A cada ano, um ávido e crescente número de participantes demonstra interesse em ingressar nesta iniciativa do Serviço Social da Indústria – Sesi/PR e, por outro lado, os integrantes precedentes avançam seus trabalhos fortalecidos pela experiência dos anos anteriores.

Apenas em seu terceiro ano de existência, o Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná soma diversas montagens dos textos produzidos, dentre os quais, alguns já premiados e, outros, apresentados fora do circuito da capital. Além disso, conta com o reconhecimento da crítica e da imprensa local e nacional que volta os olhos para as novas vozes que aqui surgem. Tem em seu currículo a expansão das oficinas para outras cidades do estado, propagando, ainda mais, o incentivo aos talentosos dramaturgos ainda desconhecidos.

No término dos trabalhos de 2010, mediante a aguda supervisão do diretor e autor Roberto Alvim, os dramaturgos integrantes do Núcleo submeteram seus textos à avaliação de uma curadoria externa, a qual selecionou 18 obras destacadas por sua singularidade e excelência dramática.

Que este projeto de apoio e incentivo à cultura brasileira se robusteça continuamente sem que se extinga seu frescor inicial de conduzir as artes cênicas além de nossas expectativas.

José Antonio Fares
Diretor Superintendente do Sesi Paraná

O surgimento de novos nomes da dramaturgia depende de iniciativas como a que vem sendo proposta pelo SESI/PR., através de seu Núcleo de Dramaturgia.

O Centro Cultural Teatro Guaíra sente-se especialmente honrado em poder contribuir com este projeto.

Parabenizamos a todos os envolvidos neste trabalho e em especial aos selecionados para terem seus trabalhos publicados nesta edição. Que sua trajetória na criação de textos teatrais seja de sucesso. Que este seja apenas um texto entre tantos outros que marcarão seus nomes na história da dramaturgia contemporânea.

Monica Rischbieter

Centro Cultural Teatro Guaíra

É com grande orgulho que o British Council reitera seu apoio ao Núcleo de Dramaturgia do SESI Paraná, cuja série de conquistas e realizações tem nutrido os sonhos de novos dramaturgos, consolidando-se como um pólo de excelência para o florescimento da dramaturgia brasileira.

Esta publicação reflete mais um ano de trabalho desenvolvido pelo Núcleo, sendo uma prova do talento e energia que podemos encontrar no Paraná, cuja voz distinta continua a reverberar.

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para educação e relações culturais. Busca estabelecer a troca de experiências e fortalecer laços que resultem em benefícios mútuos entre o Reino Unido e os países onde atua nas áreas de língua inglesa, cultura, esportes e educação. O British Council está presente em mais de 100 países e no Brasil tem escritórios em Brasília, Rio de Janeiro, Recife e São Paulo.

Jim Scarth
Diretor do British Council, Brasil

Uma revolução está em curso

No Brasil, raras são as políticas culturais que se perpetuam. Isto é catastrófico, posto que a cultura fica ao sabor de eventos, de vontades que variam ao sabor das circunstâncias. É imperioso que projetos bem sucedidos no campo do fomento e desenvolvimento artístico e cultural tenham continuidade, e se coloquem como mecanismos efetivos e estruturantes na construção de nossa produção criativa. Ao final de dois anos, e já em meio ao seu terceiro ano de atividades, o Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná vem afirmando sua vocação (de continuidade na formação e amadurecimento de toda uma geração de autores) de modo decisivo no panorama do teatro paranaense e – sem dúvida – também no panorama do teatro contemporâneo brasileiro.

Há uma revolução – em termos de forma e conteúdo, instâncias indissociáveis aqui – em curso nestas obras. Outros sistemas dramáticos, que nos permitem experienciarmos o tempo, o espaço e a condição humana de modos insuspeitados até então. Estes sistemas, erigidos com originalidade por seus autores, renovam a dramaturgia contemporânea e expandem os limites do teatro – além de desencadear uma reflexão profunda acerca do modo como vivemos nossas vidas. São novos procedimentos técnicos, que surgem por conta das visões de mundo singulares dos dramaturgos. É como se as técnicas existentes não dessem conta de traduzir e expandir cenicamente estas visões – o que torna incontornável a invenção de procedimentos e operações dramatúrgicas fundantes.

Descrever tais procedimentos é tarefa necessária, mas para tanto será preciso uma publicação teórica específica, haja vista a complexidade do material; por ora, poderíamos apontar algumas operações que saltam aos olhos mediante uma primeira análise:

1- Deslocamentos permanentes, tanto no tempo/espaço quanto nos modos de subjetivação, construindo miríades de trânsitos em contraste e ruído, produzindo experiências singulares e autônomas por parte de cada receptor;

2- Polissemia, através da proposição de signos indecidíveis quan-

to ao seu significado último, mas poderosos o bastante para instigar nosso imaginário na procura por seus infinitos sentidos possíveis;

3- Construção de mimeses cognoscíveis como a instauração de solos para saltos em direção a mimeses incognoscíveis (a proposição de novas mitologias, de novos moldes arquetípicos);

4- Outros desenhos da condição humana, que apontam para outras possibilidades de vivenciarmos nossa humanidade (Dramáticas do Transumano), através da criação de arquiteturas linguísticas que transfiguram poeticamente o real e que nos proporcionam outros modos de habitar a vida;

5- A crença (operacional para estes autores) na obra de arte como um sistema complexo de relações formais, construído no mais amplo diálogo com sistemas anteriores, que nos proporcione uma experiência estética para além da vivência proporcionada pela cultura de massa.

16

Uma arte só sobrevive na medida em que se reinventa; sempre foi assim na história do teatro, desde Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Shakespeare, Ibsen, Tchekov, Nelson Rodrigues... São estes grandes dramaturgos do passado que nos servem de exemplo (e não de modelos): autores que deram contribuições que ressignificaram completamente a dramaturgia (e a humanidade) em seus períodos de atuação. Não se trata aqui de descobrir o passado, mas sim de inventar o futuro – ecoando, portanto, o impulso criador de todos os mestres de outrora.

As peças produzidas por este grupo de autores (talentosos e comprometidos com sua arte em um nível assustador) estão entre o que há de mais revolucionário na dramaturgia contemporânea internacional, e muito em breve irão conquistar o lugar que lhes é próprio no panorama do teatro do século XXI. Que o Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná se perpetue por muitos anos: trabalhamos sob o signo do amor ao teatro, em prol da liberdade artística, procurando ampliar as possibilidades da vida humana para além de qualquer forma ou discurso hegemônico, e não poderíamos estar mais felizes.

Roberto Alvim

Diego**Fortes**
Ofantástico
coração**subterrâneo**

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná, sob orientação de Roberto Alvim, no ano de 2010}.



Diego**Fortes**
O fantástico coração **subterrâneo**

Para todos aqueles que,
independentemente do que façam,
salvam a vida de outros.

E para meus pais.

Obviamente!

PRÓLOGO

Ângela, vestida de aeromoça, passa as instruções de segurança. Antônio entra em cena um pouco depois e realiza os movimentos padrões das instruções de segurança.

// - representa o ponto no qual, Antônio passa a falar e sobrepõe a fala de Ângela. Ao terminar, ela espera que ele termine.

25

ÂNGELA - Senhores passageiros, pedimos a sua atenção para demonstração do nosso equipamento de emergência. Em caso de despressurização da cabine, máscaras individuais cairão automaticamente dos painéis acima de seus lugares.

//

Neste momento, puxe a máscara mais próxima para liberar o oxigênio, aplique-a sobre o nariz e a boca, ajuste o elástico em volta da cabeça e respire normalmente. Passageiros viajando com crianças ou alguém que necessite de ajuda, lembramos que deverão colocar suas máscaras primeiro para em seguida auxiliá-los. Esta aeronave possui 6 saídas de emergência, observe a indicação dos comissários e identifiquem a saída mais próxima de seu assento. Os cintos deverão estar afivelados sempre que o sinal estiver aceso ou enquanto permanecerem sentados. Recomendamos a leitura das instruções de segurança que se encontram a frente de seus lugares. Observem os avisos luminosos de apertar cintos. Mantenham os encostos das poltronas na posição vertical e suas mesas fechadas e travadas.

ANTÔNIO - // Sim, os objetos que nos cercam gravam nossas histórias. A natureza deste objeto pode dizer muito. O que um determinado objeto “é”? Para quê ele

serve? Podemos imaginar muita coisa através da natureza dos objetos que nos cercam. Ao meu redor, eu vejo cadernos repletos de anotações confusas, canetas que desenhavam pequenas manchas azuis na ponta dos meus dedos - como um céu de estrelas em negativo. Queria que isso fosse lírico. É piegas... Ao meu redor, tenho três xícaras com um pequeno resto de café açucarado no fundo. Aquele restinho que não foi bebido a tempo de não esfriar. Vejo fitas K7 etiquetadas com o título “O Fantástico Coração Subterrâneo - ideias esparsas”. Ao meu redor, eu vejo outras coisas. Coisas que não são minhas. E que por sua própria natureza - e pelo próprio fato de não serem minhas, mas estarem ao meu redor - desenhavam para o observador um esboço da minha personalidade, onde seria possível inclusive imaginar o que eu pretendo fazer na vida. Pode-se imaginar o que dará certo e o que não. Ao meu redor, vejo duas carteiras de cigarros - uma vazia e a outra pela metade. Nenhum cinzeiro - atente! Muitos casacos jogados por cima do sofá, roupas amassadas, um

sutiã, pares de sapato desencontrados pelo chão. Uma estante de livros organizados em ordem alfabética - os livros são meus! Já entenderam onde isto quer chegar? Não se preocupem em fazer nenhum julgamento. Percebem que não há nenhuma garrafa de bebida? Eu imagino que vocês pensaram: “já passamos pelas ideias desordenadas, pelos cigarros e pela desarrumação das roupas - onde está a garrafa de whisky pela metade?” “Latinhas de cerveja amassadas, de repente?” “Talvez aquelas garrafinhas de scotch em miniatura escondidas dentro de uma gaveta cheia de cliques de papel e canetas sem tampa?” Sinto desapontar, não há bebida. Nem minha nem de ninguém. O que há é xarope pra gripe. Vidros e mais vidros de xarope pra gripe.

ÂNGELA - Lembramos ainda que os assentos de suas poltronas são flutuantes.

CENA 01

Um banco de praça. Nicolas sentado com uma cara apática. Entra Júlio César descansando de uma caminhada, senta e tenta começar uma conversa com Nicolas.

JÚLIO CÉSAR - Boa noite.

NICOLAS - Boa noite.

29

JÚLIO CÉSAR - Tudo bem com você?

NICOLAS (suspira uma risada) Um pouco triste só.

JÚLIO CÉSAR - Aconteceu alguma coisa?

NICOLAS - Meus pais... eles morreram.

JÚLIO CÉSAR - Puxa... eu sinto muito. Eu também já perdi os meus e eu sei que não é fácil... Os dois ao mesmo tempo?

NICOLAS - Acidente aéreo.

JÚLIO CÉSAR - Nossa...

NICOLAS - Faz tempo. Uns dez anos. (pausa) Mas as

coisas nunca mais foram as mesmas.

JÚLIO CÉSAR - Tem irmãos?

NICOLAS - Ângela e Vito. Ela é mais velha e ele é mais novo.

JÚLIO CÉSAR - Moram juntos ainda?

NICOLAS - Ainda. Nós ficamos com a casa. É uma casa grande. Meus pais tinham bastante dinheiro, nós vivemos da herança e da indenização.

30

JÚLIO CÉSAR - Indenização?

NICOLAS - Da companhia aérea.

JÚLIO CÉSAR - Claro. Você trabalha?

NICOLAS - Sim.

JÚLIO CÉSAR - Com o quê?

NICOLAS - Problemas administrativos.

JÚLIO CÉSAR - Você não me parece muito do tipo executivo.

NICOLAS - Não?

JÚLIO CÉSAR - Não.

NICOLAS - E de que tipo eu pareço pra você?

JÚLIO CÉSAR - Eu não quis ofender...

NICOLAS - Não ofendeu.

JÚLIO CÉSAR - Bom, eu já vou indo.

NICOLAS - Pode ficar, eu poderia conversar com alguém.

JÚLIO CÉSAR - Como é?

NICOLAS - O meu irmão. Ele desenvolveu várias manias, sabe? De coisas bem pequenas como guardar o açúcar na geladeira ou deixar uma luz acesa antes de dormir até coisas mais irritantes como medo da morte.

JÚLIO CÉSAR - É comum se ter medo da morte, não é?

NICOLAS - O senhor tem?

JÚLIO CÉSAR - Já tive. Acho que na minha idade, a gente já se acostuma com a idéia.

NICOLAS - Isso é bom.

JÚLIO CÉSAR - Você vai ver.

NICOLAS - Ângela, por outro lado, não pára de fumar. E ficou noiva. O noivo dela agora vive lá em casa...

JÚLIO CÉSAR - A família evoluindo.

NICOLAS - (olha Júlio por um tempo) É difícil ter certeza dessas coisas.

JÚLIO CÉSAR - Talvez. Mas família é sempre uma coisa importante.

NICOLAS - O senhor acha mesmo?

JÚLIO CÉSAR - Claro. A família de um homem é a sua verdadeira casa.

NICOLAS - O senhor já sentiu alguma vez que nada realmente aconteceu? Quero dizer, de uma maneira verdadeira, como alguma coisa que não deveria acontecer, um acidente. Um fato que marcasse a sua vida e a tornasse especial. As coisas acontecem, claro – eu não sei se o senhor entende o que eu quero dizer – as coisas acontecem. Mas porque elas tinham que acontecer. Porque alguém, muito tempo antes de nós nascermos, determinou que aquilo acontecesse. Talvez esse alguém nem soubesse que estava determinando aquilo, mas não é por isso que aquela coisa é um acidente... porque nada realmente acontece – isso faz algum sentido?

JÚLIO CÉSAR - Você está sentindo falta de espontaneidade na sua vida?

NICOLAS - Espontaneidade?

JÚLIO CÉSAR - Como se o acaso interviesse na sua vida com mais ênfase.

NICOLAS - É. Não sei se é isso, mas eu acho que sim.
(suspira outra risada) Boa conversa.

JÚLIO CÉSAR - Você se chama?

NICOLAS - Nicolas.

33

JÚLIO CÉSAR - Prazer, Nicolas. Eu me chamo...

NICOLAS - Júlio César.

JÚLIO CÉSAR - Sim. (estranha) Eu não sabia que era tão famoso.

NICOLAS - Não é. Eu trabalho pra alguém que conhece o senhor.

JÚLIO CÉSAR - Ah, é? Quem?

NICOLAS - O senhor não tem medo de andar na rua tão tarde?

JÚLIO CÉSAR - Eu gosto de caminhar à noite.

NICOLAS - Toda terça e quinta.

JÚLIO CÉSAR - Você também?

NICOLAS - Não, eu não.

JÚLIO CÉSAR - (desconfiado) Por que essa pergunta?

NICOLAS - A rua tá cheia de pessoas perigosas.

JÚLIO CÉSAR - Bom, eu prefiro não pensar muito nisso.

(Nicolas dá dois tiros em Júlio, ele morre)

NICOLAS - Bom, talvez o senhor devesse.

CENA 02

ANTÔNIO - Cheguei.

ÂNGELA - Comprou o absorvente que eu te pedi?

ANTÔNIO - Aquele que você me pediu não tinha, eu comprei um outro.

ÂNGELA - Onde tá?

ANTÔNIO - Tá aqui.

ÂNGELA - Esse eu não gosto muito. Tudo bem, depois eu desço lá na farmácia e compro outro.

ANTÔNIO - Alguém ligou?

ÂNGELA - A sua mãe.

ANTÔNIO - O que que ela queria?

ÂNGELA - Falar com você.

ANTÔNIO - Ah. Você deu comida pro gato?

ÂNGELA - A gente não tem gato.

ANTÔNIO - Não?

ÂNGELA - Não.

ANTÔNIO - Pensei que a gente tinha. Minha vó tinha muitos gatos. Ela era muito sozinha. Eu achei que tivesse visto um gato aqui.

ÂNGELA - Não tem nada aqui.

ANTÔNIO - Que pena.

ÂNGELA - Pois é.

ANTÔNIO - O que que a gente vai comer?

ÂNGELA - Você.

ANTÔNIO - Eu?

ÂNGELA - Eu vou comer você!

ANTÔNIO - Agora?

ÂNGELA - Por quê? Você não quer?

ANTÔNIO - Não, quero, quero sim.

ÂNGELA - Só deixa eu ir no banheiro.

ANTÔNIO - Tá. (deita esparramado e exausto num sofá, pega um telefone e disca) Alô, mãe? Oi, mãe. Você ligou para mim? (pausa) Tudo e você, mãe? Como é que tá o pai? (pausa) Que médico? Aconteceu alguma coisa? (pausa) Ah, bom achei que tinha acontecido alguma coisa. E já pegou os resultados? (pausa) Ah tá. Então tá bom, mãe. (meia pausa) Tá, tá. Me cuido. Tá, um beijo, mãe. Tchau.

Ela volta sem calças só de camiseta e calcinha.

ANTÔNIO - Que que a gente vai fazer pra janta?

ÂNGELA - A gente não ia transar?

ANTÔNIO - Achei que você não queria.

ÂNGELA - Eu disse: só deixa eu ir no banheiro.

ANTÔNIO - Ah, então tá bom. (tira a camisa)

Ela fica em cima dele, começam a se beijar. Param, se separam, mudam de posição, voltam a se beijar. Ele pega nos seios dela como se espremesse uma laranja. Param novamente, ele deita atrás do sofá ela espera ele se posicionar, ela também vai para atrás do sofá, tira a calcinha e a coloca com cuidado em cima do sofá. Apoiada com as mãos no encosto do sofá ela sobe e desce como um pistão. A luz vai baixando, mas não totalmente, até que esteja bastante escuro. Ela apanha a calcinha veste e sai de cena, ele volta a deitar no sofá, esparramado e exausto.

37

ANTÔNIO - Que que a gente vai comer?

ÂNGELA - (de fora) Não faço idéia.

CENA 03

VITO - (para o público) Do jeito que eu imagino o céu, sei lá se existe um céu, mas seja o que for que acontece depois que a gente morre, eu acho que lá a gente descobre uma porção de coisas que não teríamos como saber na vida:

38

- A última vez que ela disse que não te amava mais era mentira.

- Seu pai dizia que amava todos os filhos do mesmo jeito, mas ele preferia a sua irmã por vários motivos, mas principalmente porque ela se parecia muito com a sua vó - que nunca deu um abraço nele. Assim, ele abraçava sua irmã sempre que quisesse.

- Aquele seu amigo metido à intelectual que dizia que o

filme favorito dele era Jules et Jim, na verdade gostava mesmo dos filmes do James Bond com o Roger Moore. Aliás, ele era bissexual e tinha uma atração escondida por você.

- Vários números relacionados ao seu aniversário de 15 anos formam os números sorteados da Mega Sena daquela semana:

39

08 - o dia do seu aniversário.

09 - o mês do seu aniversário (quem pensaria em dois números consecutivos?)

15 - a sua idade.

32 - o número de convidados da festa.

44 - a idade da sua mãe na época.

59 - o número de mortos do acidente aéreo que matou seus pais naquele dia.

Esse é o meu palpite para a dinâmica do céu. Ou seja lá

qual for o lugar para onde nós vamos depois que morremos. Não deve demorar muito para que eu descubra...

Nicolas atravessa o palco andando como se estivesse chegando em casa.

NICOLAS - Você não está morrendo!

VITO - Você não sabe disso!

40

NICOLAS - Sei, sim.

Nicolas sai.

VITO - Como você poderia saber? Hein? Nicolas! Você não sabe de nada. (volta a falar com o público) Eu tenho uma condição cardíaca. Eu estou morrendo. (toma xarope para gripe direto do vidro)

Nicolas, de fora.

NICOLAS - Não está!

VITO - (para o público) Eu estou...

CENA 04

Ângela entra com um aparelho de som, vestida com uma roupa de ginástica. Posiciona o aparelho no chão e se alonga. Aperta o play. Toca “Maniac”. Ela passa a dançar uma espécie de coreografia. A dança se torna mais e mais frenética e Ângela parece perder o controle. Ela aumenta a intensidade dos movimentos. Passa a chorar, mas sem parar de dançar. Antônio a observa do fundo do palco e escreve num bloco de papel.

CENA 05

Antônio escrevendo.

ANTÔNIO - O protocolo padrão era: Nicolas receber uma mensagem em branco no seu celular, ir até sua caixa de correio e apanhar um pacote com informações. Nem sempre havia um nome. Nem sempre havia um endereço. As informações do pacote traziam pedaços da rotina de um indivíduo que era investigado ao longo de algumas semanas e cabia a Nicolas planejar a melhor maneira de resolver a coisa. Geralmente, usava a Beretta com silenciador. Dois tiros na altura das costelas verdadeiras - que são os primeiros 7 pares de costelas, próximas ao ombro. Preferencialmente entre a quinta e a sexta costela. Outro truque é pensar na altura do terceiro botão da camisa. Mas, o ideal é atirar em diagonal pelas costas, antes da escápula, pensando na trajetória de uma bala que atra-

vessa a axila esquerda até chegar ao osso esterno. Desta forma, acerta-se na parte vulnerável de um possível cole-te à prova de balas e atinge-se o coração sem erro. Era o ideal, mas muito raro de acontecer. Nicolas acha que acertar a cabeça é muito tétrico. Desfigura o alvo. Com seu método, as marcas dos tiros ficavam escondidas no funeral. O protocolo seria este.

CENA 06

Entram Nicolas e Chantal.

NICOLAS - Entra.

CHANTAL - Com licença.

NICOLAS - Este é o meu quarto.

CHANTAL - Arram... Você mora sozinho?

NICOLAS - Com meus irmãos.

CHANTAL - Ah...

NICOLAS - E o noivo da minha irmã.

CHANTAL - Arram... É uma casa grande.

NICOLAS - É...

CHANTAL - Você se dá bem com eles?

(pausa)

NICOLAS - Estes são meus livros.

CHANTAL - Arram.

NICOLAS - Você já leu Dylan Thomas?

CHANTAL - Quem?

NICOLAS - É... você quer tomar alguma coisa? Senta.

CHANTAL - Será que dava pra gente acertar? Pra gente ficar mais à vontade...

NICOLAS - Ah, claro.

CHANTAL - Você vai querer a noite toda?

NICOLAS - Sim. Aqui. (dá o dinheiro a ela, ela guarda na bolsa)

CHANTAL - Obrigada. Você tem uísque?

NICOLAS - Atrás de você.

CHANTAL - Você tem uma garrafa no quarto?

(pausa)

NICOLAS - Quer sentar?

CHANTAL - Onde você quer que eu sente? (aproximando-se dele e tirando o casaco)

NICOLAS - Aqui. (ele indica) Como é mesmo o seu nome?

CHANTAL - Chantal.

NICOLAS - Chantal...

CHANTAL - É...

NICOLAS - Chantal, deixa eu te mostrar isso:

(ele lê, ela finge que ouve bebendo o uísque)

E a morte perderá seu domínio

Nus, os mortos irão se confundir

com o homem no vento e a lua do poente

quando seus alvos ossos descarnados se tornarem pó

haverão de brilhar as estrelas em seus pés e cotovelos

Ainda que enlouqueçam, permanecerão lúcidos

Ainda que submersos pelo mar, haverão de ressurgir

Ainda que os amantes se percam, o amor persistirá
E a morte perderá seu domínio.

(ela passa beijar o pescoço dele e passar a mão por seu corpo)

E a morte perderá o seu domínio.

Aqueles que há muito repousam sobre as ondas do mar

46

não morrerão com a chegada do vento;

ainda que, na roda da tortura, comecem

os tendões a ceder, jamais se partirão;

entre as suas mãos será destruída a fé

e, como unicórnios, virá atravessá-los o sofrimento;

embora sejam divididos eles manterão a sua unidade;

e a morte perderá o seu domínio.

Você tá ouvindo?

CHANTAL - Arram.

NICOLAS - E a morte perderá o seu domínio.

Não hão de gritar mais as gaivotas aos seus ouvidos

nem as vagas romper tumultuosamente nas praias;

onde se abriu uma flor não poderá nenhuma flor

erguer a sua corola em direção à força das chuvas;

ainda que estejam mortas e loucas, hão de descer

47

como pregos as suas cabeças pelas margaridas;

é no sol que irrompem até que o sol se extinga,

e a morte perderá o seu domínio.

Não é bonito?

CHANTAL - É estranho...

Ela baixa a calça dele.

NICOLAS - Não...

CHANTAL - Não?

NICOLAS - Espera um pouco.

CHANTAL - Tá bom. (ela se levanta e passa a tirar a roupa)

NICOLAS - Você é daqui?

CHANTAL - Eu sou de onde você quiser.

NICOLAS - Eu queria saber mesmo...

CHANTAL - Você não me quer?

NICOLAS - Não... quer dizer, não é isso... Você gosta de ir ao cinema?

CHANTAL - Quem não gosta? Você é romântico, não é?

NICOLAS - O que?

CHANTAL - Tudo bem. Olha, eu normalmente não faço isso, mas eu posso te beijar na boca se você quiser.

NICOLAS - Eu queria conversar...

CHANTAL - Sobre o quê?

NICOLAS - Não sei...

Ela tira o sutiã e se aproxima dele.

CHANTAL - Nossa! (ela ri)

NICOLAS - Desculpe, é o meu telefone.

Ele vê a mensagem.

49

NICOLAS - Você me espera um pouco? Eu preciso pegar uma coisa e já volto.

CHANTAL - Eu não vou sair daqui.

Ela se deita, depois de pouco tempo começa a dormir.

Nicolas saindo de cena, entra Vito.

VITO - Nicolas, eu não estou me sentindo bem.

NICOLAS - Você não está morrendo. (sai)

VITO - Todos estamos. Tem alguma coisa errada comigo...

Nicolas volta com um pacote na mão.

VITO - O que é isso?

NICOLAS - Nada.

50

Ele abre o pacote, lê um papel e paralisa. Vito senta no chão gemendo. Nicolas cutuca Chantal.

NICOLAS - Ei... ei...

CHANTAL - (dormindo) Eu dormi...

NICOLAS - Tudo bem. Viu? Eu preciso sair.

CHANTAL - Tá.

NICOLAS - Quer ficar aqui?

CHANTAL - Posso?

NICOLAS - Sim, sim.

CHANTAL - Então, tá. (se vira e segue dormindo)

Nicolas veste a jaqueta, apanha a arma e sai.

CENA 07

VITO - Nicolas!

NICOLAS - Depois, Vito!

VITO - Eu não me sinto bem. (para o público) Eu não me sinto bem. Pode ser uma infinidade de coisas. Dores de cabeça frequentes, náusea, desconforto... Às vezes, eu sinto a ponta dos meus dedos tremerem, apenas a ponta. Há momentos em que eu não me lembro direito de algumas coisas. Memórias da minha infância que eu sinto que me escapam a cada dia. E se for um tumor cerebral? Os tumores cerebrais não apresentam sintomas no início, mas conforme o tumor cresce, crescem o inchaço crânio e a pressão e os sintomas pioram. E podem acarretar em um derrame. Encefalite! Eu procuro ser cuidadoso

com pequenos insetos ou carrapatos, mas nunca se sabe. Uma picada de um animal infeccioso pode acontecer a qualquer um, um evento completamente alheio a sua vontade. (passa a se coçar) As pessoas com encefalite não podem ser julgadas por terem sido picadas por animais que não sabem a diferença entre um ser humano e outro. Ou sabem? Será que os insetos têm algum tipo de preferência entre uma pessoa e outra? Os insetos sentem cheiro? Claro que os insetos sentem cheiro! Meu pescoço parece inchado? Será que pescoço sempre teve este diâmetro? Eu deveria medi-lo todos os dias para poder comparar. As pessoas fazem isso? Digo, as pessoas medem o pescoço? Com certeza, medem. É assim que se medem os colarinhos das camisas feitas em alfaiate, não é? Estas pessoas que comprem suas camisas em alfaiate sabem o diâmetro de seu pescoço. Sabem milimetricamente o diâmetro dos seus pescoços. Estas pessoas podem se prevenir de uma encefalite. E de mais a mais, se vestem bem. Eu não tenho nenhuma picada de inseto no meu cor-

po, mas não importa, a picada pode ter ocorrido um mês atrás. A picada já pode ter curado, mas a infecção prospera dentro da minha cabeça e os sintomas vão começar a aparecer. Sintomas como sensibilidade à luz... (espreme os olhos e segue se coçando) Tontura... Febre... Confusão... Confusão... Piscar os olhos excessivamente... Eu pisco meus olhos demais? Qual é a quantidade certa de piscadas que nós devemos dar? Qual é a unidade de medida? Piscadas por minuto? Será que eu pisco demais? Isso pode indicar Síndrome de Tourette. Eu sinto que eu sofro de um déficit de atenção, ansiedade, compulsão, depressão... Embora, o meu linguajar seja apropriado. Quero dizer, apropriado aos meios que eu frequento. Nunca fui dado à obscenidades. Obscenidades podem gerar todo tipo de doença: sífilis, candidíase, gonorréia, clamídia, tricomoníase, linfogranuloma venéreo, HPV, herpes genital, hepatite B, AIDS... Não há nada mais sujo do que outro ser humano. A mão de outro ser humano é mais infecciosa do que o próprio chão. A escrivanhinha de um

escritório chega a ser quatrocentas vezes mais infecciosa do que um assento de banheiro. Um celular, setecentas. Um celular carrega mais bactérias, vírus e infecções do que um sapato... Fora o consequente tumor cerebral por usar um celular... Eu não me sinto bem...

CENA 08

54

ANTÔNIO - (escrevendo) Mas Nicolas não seguiu o protocolo. Ao invés disso, foi procurar seu empregador. (corrigindo a si próprio) Não era um empregador, ele estava mais para um intermediador, na verdade. Ele se ocupava de receber os pedidos, fazer um breve relatório sobre o sujeito azarado e passar para Nicolas. Para este serviço relativamente simples, porém não sem riscos, ele recebia 25% de todo faturamento. Nicolas achava um pouco demais, já que o trabalho de Augusto - Augusto era o nome

do intermediador - era consideravelmente menor que o dele, que poderia passar semanas investigando um indivíduo. Mas, enfim, nas transições comerciais ilegais não se tem muita margem para negociações e dinheiro não faltava a Nicolas. Então, concordou com a comissão. Nestes anos todos de serviço, as surpresas não foram poucas e enquanto caminhava até o Centro na direção do ponto de encontro com Augusto, Nicolas se recordou do caso de Tibério, que ele conheceu numa locadora de filmes pornô.

Nicolas está lendo o títulos de DVDs enfileirados em uma prateleira e Tibério, de óculos escuros faz a mesma coisa. Vez ou outra, Nicolas observa Tibério que nota estar sendo observado.

TIBÉRIO - Tá olhando o quê, cara?

NICOLAS - Nada. Desculpa.

TIBÉRIO - Tá me achando com cara de viado?

NICOLAS - Não, desculpe...

TIBÉRIO - Me achou bonito, bichona?

NICOLAS - Pra falar a verdade, eu queria fazer uma pergunta.

TIBÉRIO - Como é que é?

NICOLAS - Posso fazer uma pergunta?

TIBÉRIO - Que pergunta?

NICOLAS - O senhor já assistiu este daqui?

TIBÉRIO - Qual é esse aí?

NICOLAS - "Putarias na Academia".

TIBÉRIO - Ah... não, esse eu não vi, não. Muito levinho!

NICOLAS - Levinho?

TIBÉRIO - É, só tem a mesma coisa de sempre.

NICOLAS - Aqui diz que tem masturbação, tem oral, garota com garota...

TIBÉRIO - É, então, o de sempre...

NICOLAS - Tudo isso nos aparelhos de musculação.

TIBÉRIO - Pois é, esses caras fazem esses filmes e não sabem nada. Colocam esses fortão comendo as guria. Que que eu quero com fortão, porra?

NICOLAS - Acho que é para as mulheres...

TIBÉRIO - Você tá vendo alguma mulher aqui?

NICOLAS - (olha em volta) Não tem mais ninguém aqui, aliás. E esse?

TIBÉRIO - Qual é esse?

NICOLAS - “Universidade do prazer”.

TIBÉRIO - Deixa eu ver... Ah, esse tem umas lesbiquinhas se chupando, dando pro professor. Igual à tudo o que você já viu!

57

NICOLAS - Mas tem uma cena num ginásio com dez meninas e um cara.

TIBÉRIO - É, então, aquela coisa...

NICOLAS - E... bom... o que que o senhor já viu que é diferente por aqui?

TIBÉRIO - Deixa eu achar... Ah, aqui este é muito bom!

NICOLAS - “Anal total”?

TIBÉRIO - É, só tem cena de anal. De quatro, de ladinho, de ponta cabeça, tudo!

NICOLAS - Esse aqui o senhor gostou?

TIBÉRIO - Pra caralho e para de me chamar de senhor!

NICOLAS - Desculpa.

TIBÉRIO - Esse aqui é genial!

NICOLAS - “Fio-terra”?!?

TIBÉRIO - Que foi? Não gostou?

NICOLAS - Não é isso...

TIBÉRIO - Que foi? Acha que isso é coisa de viado?

NICOLAS - Não...

58

TIBÉRIO - Você que perguntou, cara! Agora tá querendo tirar uma onda com a minha cara?

NICOLAS - Não...

TIBÉRIO - Que que foi então?

NICOLAS - Não, eu gosto dessas coisas. Eu só não sabia que tinha filme...

TIBÉRIO - Ah...

NICOLAS - Eu não acho que isso seja coisa de viado, não.

TIBÉRIO - Viado é quem dá a bunda pra outro cara, sacou?

NICOLAS - Saquei, claro. Com uma mulher qualquer coisa vale, não é?

TIBÉRIO - Que que cê tá insinuando?

NICOLAS - Não tô insinuando nada...

TIBÉRIO - Olha, cara, você é muito estranho! Sai de perto mim!

NICOLAS - Espera, deixa só eu te perguntar outra coisa.

TIBÉRIO - O que?

NICOLAS - E se a gente saísse daqui e fosse num desses hoteizinhos do centro, hein?

TIBÉRIO - Você ficou maluco, cara?!?

NICOLAS - Pra se conhecer melhor. Eu achei que você gostasse de uns rapazes mais novos...

TIBÉRIO - Eu te mato, filho-da-puta!

(Nicolas dá um tiro no joelho de Tibério)

NICOLAS - Hoje não, Tibério.

TIBÉRIO - Quem é você? O que que eu te fiz?

NICOLAS - Pra mim? Pra mim, nada.

TIBÉRIO - Não me mata, cara!

NICOLAS - Dá pra se acalmar?

TIBÉRIO - Então baixa essa arma!

NICOLAS - Não se preocupe com isso, eu sou muito habilidoso.

TIBÉRIO - O que quer que eu tenha feito, eu desfaço, eu paro de fazer...

NICOLAS - Eu não sei o que foi que você fez. Mas dá pra ter uma ideia...

60

TIBÉRIO - Eu te pago o dobro do que estão te pagando.

NICOLAS - Eu sou bem caro.

TIBÉRIO - Eu pago! Pago o que você quiser!

NICOLAS - Deixa eu te fazer só mais uma pergunta. Eu não devia estar perguntando, mas eu acho que a gente já tem intimidade suficiente. (pausa) Você tem um filho chamado Augusto?

TIBÉRIO - Como é que você sabe?

NICOLAS - Vocês são bem parecidos.

TIBÉRIO - Foi ele quem...?

(Nicolas acerta dois tiros no peito de Tibério)

CENA 09

ÂNGELA - Senhores passageiros, pedimos a sua atenção por um instante. Solicitamos a todos que atentem ao sinal de afivelar os cintos de segurança. A aeronave está passando por uma zona de turbulência. Mantenham seus cintos afivelados enquanto o sinal estiver aceso.

61

Vito está sentado com a manga da camisa arregaçada, um médico entra e passa a medir sua pressão. Logo após, ele ausculta seu peito e lhe apalpa o pescoço.

MÉDICO - Vamos lá. O que que está acontecendo desta vez?

VITO - Eu tenho sentido dores de cabeça.

MÉDICO - São frequentes?

VITO - São. Começam mais ou menos no fim da tarde, seis e trinta e dois, seis e trinta e três...

MÉDICO - E você toma alguma coisa?

VITO - Tomo analgésico.

MÉDICO - E?

VITO - Aí, a dor para.

MÉDICO - Quanto comprimidos você toma?

VITO - Só um.

MÉDICO - Hummm.... Você pode me mostrar onde é que dói?

62 VITO - Aqui na frente. Nas têmporas.

MÉDICO - Você tem sentido outras coisas?

VITO - Como assim?

MÉDICO - Você tem apresentado outros sintomas?

VITO - Eu sempre vou ao banheiro de manhã, mas esses dias, eu fui no meu horário de sempre e não consegui, sabe?

MÉDICO - Mas você evacuou naquele dia?

VITO - Evacuei. Evacuei, sim. Só que um pouco mais tarde.

MÉDICO - Um pouco quanto?

VITO - Lá por meio-dia e quinze, meio-dia e dezesseis...

MÉDICO - E a tentativa aconteceu que horas?

VITO - Umas dez e vinte e oito, dez e vinte nove...

MÉDICO - Arram... (ele apalpa o pescoço de Vito)

VITO - O doutor está sentindo algo diferente?

MÉDICO - Diferente?

VITO - No meu pescoço, ele está no diâmetro certo?

MÉDICO - Você tem tido algum inchaço?

VITO - Não sei, eu nunca tinha reparado no meu pescoço.

MÉDICO - Você tem tido dificuldade para engolir?

VITO - Não... só quando eu não mastigo direito. E aí eu também tenho um pouco de indigestão.

MÉDICO - Você tem passado por algum estresse ultimamente?

VITO - O normal...

MÉDICO - Você tem saído...? Tem feito alguma coisa diferente?

VITO - Não. Tudo igual. Eu não saio muito. Eu não tenho

muitos amigos...

MÉDICO - Uma namorada?

VITO - Não.

MÉDICO - Talvez seja isso.

VITO - O quê? Falta de sexo? É minha próstata? Eu me masturbo...

MÉDICO - Não! Clinicamente, não há nada de errado com você. Mas talvez seja alguma coisa relacionada à tensão.

VITO - Tensão?

MÉDICO - Você ainda mora com seus irmãos?

VITO - Moro, mas nós não nos vemos muito.

MÉDICO - Com quem você mais se identifica?

VITO - Não sei.

MÉDICO - Tem alguém com quem você se identifique?

VITO - Acho que não.

MÉDICO - O que é que você faz que deixa você mais relaxado?

VITO - Vir aqui...

CENA 10

ANTÔNIO - (escrevendo) No dia em que Vito morreu, Chantal estava dormindo profundamente por ter terminado a garrafa de uísque que Nicolas deixara na noite anterior. Ângela estava na cozinha fazendo um Sudoku nível médio e Antônio, seu noivo, passou pela frente do quarto de Vito onde estava deitado no chão. Primeiro pensou que o cunhado estava apenas se alongando, mas também pensou que ninguém se alonga vestindo um paletó. Assim que percebeu que Vito não possuía pulso, não teve coragem de gritar, posto que não havia nada a ser feito - o corpo de Vito já estava gelado. E calmamente, caminhou até à cozinha e disse à Ângela: “Acho que tem alguma coisa errada com o Vito...”. Nicolas chegou em casa 17 minutos depois. Todos os corpos que tinha visto anteriormente não o prepararam para ver o corpo de seu irmão caçula no chão do quarto. Os dois irmãos acionaram o serviço funerário

de que tinham convênio há já muitos anos e não souberam o que dizer um para o outro. Então, não disseram nada. Nem ao menos fizeram menção ao fato de Vito ter se queixado de sua saúde durante toda sua vida adulta. E tiveram medo de se abraçar. Ângela retomou sua rotina como aeromoça e Nicolas saiu de casa sem lembrar que a prostituta Chantal dormia em sua cama.

CENA 11

Bárbara está sentada numa mesa lendo um livro. Nicolas vacila, mas acaba sentando a sua frente.

NICOLAS - Posso me sentar aqui?

BÁRBARA - Você quer se sentar aqui?

NICOLAS - Sim. Posso?

BÁRBARA - Por que você quer se sentar aqui?

NICOLAS - Esta cadeira não está vaga?

BÁRBARA - Tem várias outras cadeiras vagas.

NICOLAS - Mas nenhuma perto de você.

BÁRBARA - Eu estou esperando uma pessoa.

NICOLAS - Seu namorado?

BÁRBARA - Não.

NICOLAS - Sua namorada?

BÁRBARA - Também não.

NICOLAS - É alguém que você não deveria estar encontrando?

67

BÁRBARA - Não!

NICOLAS - É uma pessoa imaginária?

BÁRBARA - Nós sempre estamos esperando uma pessoa imaginária, não é mesmo?

NICOLAS - É, eu acho que sim. E posso ser eu?

BÁRBARA - Pode ser você o quê?

NICOLAS - A sua pessoa imaginária.

BÁRBARA - Você não é uma pessoa imaginária, você é real.

NICOLAS - Tem certeza?

(ela dá um soco no braço dele)

BÁRBARA - Tenho.

NICOLAS - Isto não prova nada.

BÁRBARA - Ah, não?

NICOLAS - Não, você pode ter imaginado uma pessoa que sente dor quando é socada.

BÁRBARA - Por que eu iria imaginar uma coisa dessas?

68

NICOLAS - Eu não sei. Se eu sou fruto da sua imaginação, eu só posso saber o que você sabe.

BÁRBARA - Faz sentido.

NICOLAS - Posso me sentar, então?

BÁRBARA - Você já está sentado aí faz tempo.

NICOLAS - Tô te incomodando?

BÁRBARA - Você já não levou um soco?

NICOLAS - Eu ainda não sei o que este soco significa.

BÁRBARA - O que mais um soco pode significar?

NICOLAS - Posso ser uma tentativa tímida de intimidade.

BÁRBARA - Ah, é?

NICOLAS - É.

BÁRBARA - Você é sempre convencido assim?

NICOLAS - Não, só perto de mulheres bonitas.

BÁRBARA - Por que você me parece familiar?

NICOLAS - Porque eu sou a sua imaginação.

BÁRBARA - Que imaginação pobre que eu tenho...

NICOLAS - Você realmente não se lembra de mim?

BÁRBARA - Deveria?

NICOLAS - Seria educado.

BÁRBARA - Quem é você?

NICOLAS - Nicolas.

BÁRBARA - Que Nicolas?

NICOLAS - Do cinema... Muito tempo atrás...

BÁRBARA - Nós assistimos muitos filmes juntos...

NICOLAS - Filmes de violência.

BÁRBARA - É verdade... Nicolas!

NICOLAS - Bárbara.

BÁRBARA - Como foi que você me encontrou aqui?

NICOLAS - Coincidência.

BÁRBARA - Você vem aqui bastante? Eu venho o tempo todo.

NICOLAS - Não, eu não.

BÁRBARA - Eu nunca mais conheci alguém que gostasse de assistir filmes violentos comigo.

NICOLAS - Sério?

BÁRBARA - Acredita?

NICOLAS - Eu ainda vejo o tempo todo. Você quer ir ao cinema?

BÁRBARA - Agora?

NICOLAS - Por que não?

BÁRBARA - Eu disse que estava esperando uma pessoa...

NICOLAS - Mas é mentira.

BÁRBARA - É verdade... Quer dizer, é verdade que é mentira.

NICOLAS - Eu sei. (pausa) Vamos?

BÁRBARA - Assim sem mais nem menos?

NICOLAS - Você não pode?

BÁRBARA - Posso, mas...

NICOLAS - Mas o que?

BÁRBARA - Não sei.

NICOLAS - Aposto que você não teria imaginado isso.

CENA 12

71

Antônio está em sua escrivaninha conversando com Chantal que está sentada em cima da escrivaninha.

ANTÔNIO - Há coisas que não precisam ser ditas.

CHANTAL - Que bobagem...

ANTÔNIO - Você não concorda?

CHANTAL - Acho que nós deveríamos dizer tudo o que pudermos e para o que não pudermos dizer, temos que inventar palavras. Porque esta é uma maneira, mesmo que falha, para que tudo não se perca no esquecimento.

ANTÔNIO - Eu nunca tinha pensado nisto.

CHANTAL - As palavras carregam memória.

ANTÔNIO - Eu sempre tive esta opinião sobre os objetos.

CHANTAL - Os objetos?

ANTÔNIO - Os objetos são testemunhas da nossa vida.

CHANTAL - Mas os objetos não se importam.

ANTÔNIO - Isso é verdade.

72

CHANTAL - Eles servem apenas para serem usados. O que é apenas usado não se importa.

ANTÔNIO - Mas carregam marcas.

CHANTAL - As marcas podem enganar...

ANTÔNIO - E as palavras, não?

CHANTAL - É... não tem muito como fugir do engano, não é?

ANTÔNIO - Para mim, os objetos que cercam as pessoas criam uma coleção inconsciente dos nossos desejos. Um museu caótico do nosso cotidiano. Tá aí com você?

CHANTAL - Tá aqui dentro da bolsa. Toma. (ela tira da

bolsa uma série de coisas)

ANTÔNIO - Um batom vermelho, um batom escuro, rímel, sombra, o que que é isso? Demaquilante?

CHANTAL - Não, é um hidratante de mãos.

ANTÔNIO - Você tem mãos ressecadas?

CHANTAL - Não...

(pausa)

ANTÔNIO - Uma escova de cabelo, uma escova de dentes, pasta de dente com bicarbonato de sódio...

73

CHANTAL - Ajuda a manter os dentes brancos.

ANTÔNIO - Pasta de dente de menta... Por que duas?

CHANTAL - A de menta é para trabalho.

ANTÔNIO - Ah... Viu só? Os objetos dizem muito.

CHANTAL - Mas não dizem tudo. Minhas coisas não te contaram que eu já trabalhei em Lisboa, em Madri, em Buenos Aires... Que eu nunca conheci meu pai e que eu sou uma versão menos amarga da minha mãe... Que eu já fui viciada em drogas das quais você nunca ouviu falar... Fui ao inferno e voltei.

ANTÔNIO - Não, não dizem.

CHANTAL - O que você esperava encontrar?

ANTÔNIO - Eu não sei.

CHANTAL - Ou você só queria uma desculpa pra olhar dentro da minha bolsa e ver se eu não roubei nada?

ANTÔNIO - Não...

CHANTAL - Relaxa, eu tô brincando com você.

(pausa)

74 ANTÔNIO - Como é o seu nome mesmo?

CHANTAL - Chantal.

ANTÔNIO - Chantal? (ele anota)

CHANTAL - É. E é o meu nome mesmo!

ANTÔNIO - Você gosta do que você faz?

CHANTAL - Às vezes... Não é assim com qualquer profissão?

ANTÔNIO - Eu acho que sim.

CHANTAL - Eu tenho uma ideia para uma história!

ANTÔNIO - Ah, é?

CHANTAL - É igual à Bela Adormecida. Só que quem dor-

me não é uma moça, é um homem.

ANTÔNIO - O homem está dormindo?

CHANTAL - É, mas não porque ele foi enfeitiçado. Ele dorme porque é a única coisa que ele sabe fazer. Ele mora numa torre alta, mas nunca olha pela janela. Dorme por séculos. A poeira se acumula em cima dele. Até que um dia... Um dia, não. Uma noite. Uma noite é melhor. Uma noite uma princesa vai até o alto da torre para acordá-lo com um beijo.

75

ANTÔNIO - E por que ela faz isso?

CHANTAL - Esta é a parte que eu ainda não inventei. Eu não sei porque ela faz isso... Talvez porque ela acredite que pode salvar o homem... Porque, talvez, ela ache que ele pode mudar estando perto dela...

ANTÔNIO - Você acha que os homens querem ser salvos?

CHANTAL - Você não quer?

CENA 13

Bárbara e Nicolas estão deitados semi-nus numa cama de hotel, ele acende um cigarro.

BÁRBARA - Você não deveria fumar.

NICOLAS - Te incomoda?

76 BÁRBARA - Incomoda. Além disso, faz mal.

NICOLAS - E essa for a ideia?

BÁRBARA - Fazer mal?

NICOLAS - Ninguém fuma porque faz bem.

BÁRBARA - Ajuda quando a pessoa tem prisão de ventre.

NICOLAS - Viu só? Tudo tem um lado bom.

BÁRBARA - Você tem prisão de ventre?

NICOLAS - Não. Eu fumo bastante.

BÁRBARA - Isso mata.

NICOLAS - Até a água tem efeitos colaterais...

BÁRBARA - E qual é o seu?

NICOLAS - Meu o quê?

BÁRBARA - O seu efeito colateral.

NICOLAS - Eu também mato.

BÁRBARA - Você não sabe que isso é errado?

NICOLAS - Roubar também é.

BÁRBARA - Você rouba?

NICOLAS - Não, mas “não matarás” e “não roubarás” estão colocados juntos nos Dez Mandamentos.

77

BÁRBARA - Matar é mais sério que roubar.

NICOLAS - Nos Dez Mandamentos não há nenhuma escala de pontos por pecado.

BÁRBARA - Onde você quer chegar?

NICOLAS - Que se um pecado tem o mesmo peso que o outro, então tanto faz.

BÁRBARA - Tanto faz?

NICOLAS - Tanto faz, ou você acha possível atravessar uma vida sem pecado? Até os santos eram pecadores...

BÁRBARA - Você está se comparando aos santos?

NICOLAS - Claro que não! Os santos se arrependem.

Olha só, já apaguei o cigarro.

BÁRBARA - Obrigada. (ele veste a calça e a camiseta)

Onde você vai?

NICOLAS - Vou ligar para um amigo. Já volto...

CENA 14

78

ÂNGELA - Atenção senhores passageiros do voo 2106 com destino a Londres, Heathrow, embarque imediato pelo Portão 5. Última chamada. Repetindo: passageiros do voo 2106 com destino a Londres, Heathrow, embarque imediato pelo Portão 5. Última chamada.

Nicolas, num telefone público.

AUGUSTO - Alô?

NICOLAS - Augusto?

AUGUSTO - Nicolas, onde você está?

NICOLAS - Fica quieto e escuta: eu tenho uma boa e uma má notícia pra te dar...

AUGUSTO - Nicolas...

NICOLAS - A boa é que você pode ficar com todo o dinheiro desse último trabalho. Cem por cento, Augusto!

AUGUSTO - Tudo?

NICOLAS - Tudo. Agora vem a má notícia: eu não quero mais trabalhar neste ramo. Pra mim, acabou. Eu já tenho bastante grana e pelas minhas contas, você também. Bom, se você quiser trabalhar com outro cara, eu não vou me ofender. Mas se você voltar a me procurar, eu te estouro a cabeça.

AUGUSTO - O que?

NICOLAS - Brincadeira. Quer dizer, mais ou menos...

AUGUSTO - Nicolas...

NICOLAS - Nem tente me convencer que eu já me resolvi.

AUGUSTO - Não é isso... Cara, o avião da Ângela caiu no mar.

(pausa)

NICOLAS - Quando?

AUGUSTO - Ontem.

NICOLAS - Já acharam o avião?

AUGUSTO - Ainda não, mas disseram que no ponto do Oceano em que caiu o avião não existe chance de nenhum sobrevivente. (pausa) Nicolas?

NICOLAS - Obrigado por me contar.

AUGUSTO - Você precisa de alguma coisa?

NICOLAS - Não me procure mais.

CENA 15

Antônio tem gravador nas mãos e anda de um lado para o outro fazendo anotações esparsas. Chantal o observa assustada.

ANTÔNIO - Hambúrgueres, filmes, brinquedos, balões, sorrisos de desenhos animados, risadas sem sentido, cores, muitas cores - nada consegue disfarçar o fato de que a vida é triste, de que todos estamos bovinamente caminhando em direção ao fim. Ao esgotamento. Aos restos de nós mesmos... A entropia vem em avalanches... Nada move mais as pessoas do que o medo. Nem a amizade, nem o amor, nem nada de caráter positivo, mas o medo. A força mais poderosa do mundo...

CHANTAL - Vai ficar tudo bem...

CENA 16

Nicolas está deitado na cama comendo batatinhas, enquanto Bárbara está sentada assistindo TV.

BÁRBARA - Pornografia é uma coisa tão engraçada, né?

NICOLAS - Você acha?

BÁRBARA - Acho. Para mim estes filmes não condizem com a verdade...

NICOLAS - Que filme é esse?

BÁRBARA - "Putarias na Academia".

NICOLAS - Hehe...

BÁRBARA - Você já viu?

NICOLAS - O quê?

BÁRBARA - Perguntei se você já viu este filme.

82

NICOLAS - Não...

BÁRBARA - Você faz sexo sorrindo...

NICOLAS - Faço?

BÁRBARA - Faz. É muito bonito... Eu tinha um namorado que fazia sexo muito sério.

E não olhava na minha cara. Também não gostava que eu olhasse para ele. Ele transava como se nós estivéssemos compartilhando uma doença que nós não pudéssemos curar... Por que você não para de comer?

NICOLAS - Eu não sei. Eu tô ansioso, excitado, como se alguma coisa me aguardasse em breve. Eu não consigo

dormir, me acalmar. Não consigo me acalmar! Minha respiração está ligeira.

BÁRBARA - Nicolas?

NICOLAS - ã?

BÁRBARA - Você acha que pode existir amor verdadeiro entre pessoas normais?

NICOLAS - Acho que não.

(ela sorri)

BÁRBARA - É mentira que eu não me lembrava de você.

83

NICOLAS - Eu sei.

CENA 17

Antônio está sentado com um saco de gelo pressionado contra o olho. Eles estão conversando, mas sem se olharem.

ÂNGELA - Desculpa...

ANTÔNIO - Tudo bem.

ÂNGELA - Desculpa fazer você achar que eu morri...

ANTÔNIO - Tudo bem.

ÂNGELA - Tudo bem? Como “tudo bem”? Eu morro, volto da morte e você diz “tudo bem”?

ANTÔNIO - Você não morreu de verdade...

ÂNGELA - Mas você não sabia disso!

ANTÔNIO - Na hora, eu sofri bastante, tá? Não sabia o que ia fazer da minha vida, não sabia onde eu iria morar...

ÂNGELA - Essa era a sua maior preocupação?

ANTÔNIO - Não!

ÂNGELA - “Onde você iria morar”?

ANTÔNIO - Deixa eu terminar.

ÂNGELA - Fala.

ANTÔNIO - Não me dê ordens...

ÂNGELA - Ah, cala a boca!

ANTÔNIO - É para eu falar ou para eu calar a boca?

(pausa)

ÂNGELA - Fala!

ANTÔNIO - (suspira) Na hora, eu vi meu mundo cair. O simples pensamento do avião caindo com você dentro dele me fazia perder completamente o controle da minha bexiga...

ÂNGELA - Como é que é?

ANTÔNIO - Eu ia ao banheiro o tempo todo. Não sabia o que fazer, não sabia se eu chorava, se eu me trancava no quarto, se me atirava da janela...

ÂNGELA - ...se saía procurar uma casa nova.

85

(pausa, ele olha para ela)

ANTÔNIO - Sério mesmo?

ÂNGELA - Continua...

ANTÔNIO - (tira o saco de gelo do olho) Ai...

ÂNGELA - Desculpa ter te socado o olho.

ANTÔNIO - Tudo bem.

ÂNGELA - Foi a única maneira de fazer você me ouvir.

ANTÔNIO - Eu me concentro muito quando eu estou escrevendo.

ÂNGELA - Você só se concentra quando você está escre-

vendo...

ANTÔNIO - O que você quer dizer com isso?

ÂNGELA - Que você não liga para mais nada além disso.

ANTÔNIO - Isso não é verdade.

ÂNGELA - É, sim. Você é uma pessoa horrível. Morta por dentro.

ANTÔNIO - A morta aqui é você, lembra?

ÂNGELA - Você já me desculpou.

86

ANTÔNIO - Por que você fez isso?

ÂNGELA - Porque deu certo. A situação era propícia. O avião caiu, ninguém sabia que eu não havia embarcado e eu achei que podia tirar umas férias...

ANTÔNIO - Férias? Do quê?

ÂNGELA - De você. Do trabalho. Da vida.

ANTÔNIO - (ofendido) E foi bom?

ÂNGELA - Foi. Pensei muito sobre muitas coisas. Pensei que eu quero morar em outro lugar. Minha vida está parada aqui. Eu tenho que ir para algum lugar.

ANTÔNIO - Para onde você vai?

ÂNGELA - Ainda não sei, mas algum lugar onde faça sol. E também pensei que eu tenho que mudar de emprego. Acho que aeromoça não é um emprego bom pra mim, sabe?

ANTÔNIO - Sei...

ÂNGELA - Com a história dos meus pais e tudo mais...

ANTÔNIO - Eu já tinha entendido.

ÂNGELA - E acho que nós dois não deveríamos nos casar.

ANTÔNIO - Você acha?

ÂNGELA - Acho.

ANTÔNIO - E por quê?

ÂNGELA - Porque eu não te amo.

ANTÔNIO - Ah!

ÂNGELA - Eu realmente me odeio. E eu percebo agora que a minha atração por você vem do fato de você me odiar ainda mais. Ninguém faz isso tão bem como você. No fundo, você se diz que me ama e sempre volta pra mim porque você acha que eu sou tudo aquilo que você

merece. (pausa) Você não reagiu bem à minha morte.

ANTÔNIO - Era para eu reagir bem?

ÂNGELA - Você entendeu.

ANTÔNIO - Isso foi um teste?

ÂNGELA - Não... mas acabou sendo. Eu conheci outra pessoa.

ANTÔNIO - Você conheceu outra pessoa?

ÂNGELA - Eu conheci outra pessoa. Na Tailândia.

88

ANTÔNIO - Ele é tailandês?

ÂNGELA - Importa?

ANTÔNIO - Acho que não...

ÂNGELA - Não, ele não é tailandês.

(pausa)

ANTÔNIO - Você quer se casar com ele?

ÂNGELA - Não. Nem acho que vá dá certo...

ANTÔNIO - Vocês estão juntos?

ÂNGELA - Na verdade, não. Mas ele me faz rir de vez em quando.

ANTÔNIO - Ah, é?

ÂNGELA - É. Ele tem uma cara engraçada. E quando ele me olha, me faz rir.

ANTÔNIO - Eu não te faço rir?

ÂNGELA - Você não me olha. (pausa) Seus olhos estão tão longe que eu nem me lembro da cor deles.

ANTÔNIO - E agora?

ÂNGELA - Agora eu volto a sumir. Dissolver no ar. Ir pra longe. Pra lugar nenhum. Me perder. Tentar ser tão livre que a liberdade me canse. Ficar tão solta que solidão me desespere. Eu quero voltar a ter medo no lugar de todo esse tédio, Antônio! Eu não sei como você consegue... As pessoas criam pesadelos pra viverem neles. Eu não sei como elas conseguem. Tudo o que eu faço agora, tudo o que eu sei fazer é fugir do meu pesadelo. Eu quero que a vida me mate e não outra coisa.

ANTÔNIO - Eu já imaginava que você não estava morta de verdade.

ÂNGELA - Imaginava o caralho...

ANTÔNIO - Achei que você tinha roubado a ideia do seu

irmão de voltar da morte.

ÂNGELA - O que?

ANTÔNIO - Você ainda não falou com seu irmão?

CENA 18

90

Chantal está deitada num sofá da sala, lixando a unha e ouvindo música de um radinho. Vito entra na sala cambaleando com as mãos cobertas de sangue e a roupa completamente suja de terra.

VITO - Olá?

CHANTAL - Olá! (pausa) Quem é você?

VITO - Quem é você?

CHANTAL - Eu sou Chantal.

VITO - Chantal?

CHANTAL - Todo muito repete o meu nome...

VITO - O que?

CHANTAL - Nada. Prazer.

VITO - O que você tá fazendo aqui?

CHANTAL - Eu tô morando aqui.

(pausa)

VITO - Meu Deus... Quanto tempo se passou?

CHANTAL - (ela ri) Como assim?

VITO - Você conhece a minha irmã?

CHANTAL - Sua irmã?

VITO - Ângela.

CHANTAL - (solene) Ai, você é irmão da Ângela?

VITO - Sou.

CHANTAL - A aeromoça?

VITO - É.

CHANTAL - Então, como eu te falo isso?

VITO - Isso o que?

CHANTAL - O avião dela caiu no mar... Lá na Tailândia...

No mar da Tailândia...

VITO - (ele senta e começa a chorar) Ângela...

(pausa, Chantal fica aflita com o sofrimento de Vito e passa a chorar também)

CHANTAL - Não chora...

VITO - Quando foi isso?

CHANTAL - Ontem.

VITO - Que dia é hoje?

CHANTAL - Domingo.

VITO - Cadê o Nicolas?

CHANTAL - Não vejo ele desde sexta.

VITO - Você é a namorada dele?

CHANTAL - Sou. Quer dizer, mais ou menos. Ou melhor, nós somos amigos. Ele disse que eu podia ficar. Posso ficar?

VITO - Pode.

CHANTAL - Obrigada. Você precisa de alguma coisa?

VITO - ã?

CHANTAL - Você tá todo sujo, machucado...

VITO - Ah... Eu estava embaixo da terra.

CHANTAL - Fazendo o quê?

VITO - Eu estava morto.

CHANTAL - Como assim?

VITO - Nada... Eu só quero descansar.

(ele deita com a cabeça no colo dela)

CENA 19

BÁRBARA - Eu só quero descansar...

NICOLAS - Não!

BÁRBARA - Nicolas, seja sensato!

NICOLAS - Eu não acredito nisso, por que?

BÁRBARA - Eu já te falei, eu estou doente.

NICOLAS - Quem faz uma coisa dessas?

BÁRBARA - Alguém em desespero.

NICOLAS - Não! Esqueça!

BÁRBARA - Nicolas, eu vou morrer de qualquer jeito...

NICOLAS - Não vai!

BÁRBARA - Eu estou doente...

NICOLAS - O que é que você tem, afinal?

(pausa)

BÁRBARA - Importa?

NICOLAS - Acho que não...

BÁRBARA - Eu não tenho mais tempo...

NICOLAS - Quanto tempo?

BÁRBARA - Muito pouco.

94

NICOLAS - Muito pouco quanto?

BÁRBARA - Dias! Por enquanto, dói o suficiente. Daqui a muito pouco tempo, vai começar doer pra valer.

NICOLAS - Desde quando você sabe o que eu faço?

BÁRBARA - Desde algum tempo...

NICOLAS - Você me seguiu?

BÁRBARA - Claro. (triste) Para de brigar comigo!

(pausa)

NICOLAS - Por que você não me procurou antes?

BÁRBARA - Não sei... não sei porque que eu esperei tanto. Não sei o que nos segura e nos faz esperar tanto por

tanta coisa...

NICOLAS - E se eu te matasse antes de falar com você?

BÁRBARA - Mesmo assim, eu saberia que foi você.

NICOLAS - Eu não faço mais isso.

BÁRBARA - Você vai ter uma crise de consciência logo comigo?

NICOLAS - Vou. Chega.

BÁRBARA - Eu paguei antecipado.

NICOLAS - Meu deus...

95

BÁRBARA - Você é caro! Nunca achei que morrer seria tão caro...

NICOLAS - Isso não é engraçado!

BÁRBARA - Pense assim: no seu último trabalho, o alvo era o próprio cliente.

NICOLAS - Eu não quero.

BÁRBARA - Eu também não, mas eu aprendi a lidar com a situação.

NICOLAS - Não faça isso!

BÁRBARA - Não faça o quê? Morrer?

NICOLAS - Isso não é engraçado!

BÁRBARA - Todo sistema de pressão precisa de uma válvula de escape.

NICOLAS - Eu não quero mais te abandonar...

BÁRBARA - Não é abandono se você pede.

CENA 20

ANTÔNIO - Nicolas e Bárbara fizeram amor, encomendaram comida chinesa, beberam um vinho argentino do frigobar e se vestiram. Com o rosto encharcado pelo choro, beijou a boca de Bárbara e apertou o gatilho de olhos fechados. O corpo de Bárbara pesou sobre o seu e ele a deitou na cama devagar. Com delicadeza como se não quisesse acordá-la. Os lençóis foram rapidamente tingidos pela explosão de sangue que escapou de seu peito. Quando Nicolas deixou o quarto, mal conseguia andar e

teve a sensação de ter matado pela primeira vez. Não a sensação de quando deu cabo de sua primeira vítima, mas algo mais forte e violento do que jamais sentira. Quase não tinha mais domínio sobre sua bexiga. Pensou em não cumprir sua palavra. Pensou em voltar para casa - da qual, agora, era o único dono -, terminar a garrafa de uísque em seu quarto e estourar seu cérebro com um tiro debaixo do queixo em direção ao topo da cabeça. Foda-se o velório, não vai haver ninguém mesmo... Havia um plano, portanto.

EPÍLOGO

Nicolas entra em casa, Chantal, Vito e Ângela estão sentados no sofá. Vito segue deitado no colo de Chantal. Nicolas se espanta ao ver os três, passa a chorar e senta no meio deles. Em outro plano, o pai dos três tem um grava-

dor nas mãos e prepara uma mensagem.

PAI - Meus filhos queridos, hoje é o dia que o Vito chega. Vocês estão com a vó de vocês e estão felizes porque ela fez bolo de chocolate. Eu estou com a sua mãe no hospital. Chove muito no dia de hoje. As ruas estão todas engarrafadas. Um grande evento a chegada do seu irmãozinho. Eu tenho a noção de como foi difícil que tudo isso chegasse a acontecer. De como quase não aconteceu... Eu estou gravando isso na Sala de Espera e as pessoas estão olhando para mim. Querem saber o que eu vou dizer para vocês. Agora que eu disse isso, elas estão disfarçando. Não tem importância, podem ouvir! O que eu quero dizer para vocês, meus filhos, é que eu espero que, nas suas vidas, aconteçam muitas coisas boas. Mas vão acontecer coisas ruins também. A vida tem os bolos de chocolate da sua vó, tem os passeios no parque, os filmes dos fins-de-semana, mas tem a angústia também - disfarçada ou não -, o medo, o medo do medo,

a resignação, a morte... Eu e sua mãe talvez possamos faltar... Quase nada ou nada irá acontecer do jeito que você imaginam. Ou esperam. E o mundo vai parecer feio, traiçoeiro, maldito. E é desse jeito que o mundo gira. Mas não se esqueçam que o mundo gira ao contrário também. Um dia após o próximo dia até o fim do tempo memorável. E vai parecer que nada disso faz muito sentido e de fato não faz. O sentido da vida é o sentido que nós damos pra ela. Ela será tão confusa quanto nós. E há algo de bonito nisso tudo. Tem um médico vindo pelo corredor... Que grande coisa é a vida vir sem manual! Assim, nós nunca estaremos errados. O médico apareceu aqui na sala e parece que ele quer falar comigo. Mais uma coisa: não percam tempo mentindo. Quem mente está esperando que o mundo mude até caber na sua mentira. O mundo sempre muda, mas não vale a pena esperar. Vivam vidas extraordinárias porque elas podem acabar a qualquer momento.

Diego Fortes (Curitiba, 1982)

É ator, escritor, tradutor e diretor. Bacharel em Comunicação Social, tem passagens pela Escola Técnica de Formação de Atores da Universidade Federal do Paraná, pelo Ateliê de Criação Teatral e entre diversos outros. Fundou A Armadilha - cia. de teatro em 2001, companhia pela qual montou os espetáculos Marias (2004), Café Andaluz (2005), Os Leões (2006), Bolacha Maria - um punhado de neve que restou da tempestade (2008) e Jornal da Guerra Contra os Taedos (2009). Em 2010, escreveu e dirigiu - com a colaboração da artista mineira Grace Passô - a peça Os Invisíveis, pela qual recebeu a segunda indicação à Melhor Direção do Troféu Gralha Azul. Mantém contato colaborativo com autores de outros países latinos.



Luiz Bertazzo
Histórias
de urubus

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná, sob orientação de Roberto Alvim, no ano de 2010}.



Luiz **Bertazzo**
Histórias de **Urubus**

Aos amigos que me percorrem a vida e a todos aqueles
que são ou sonham em um dia serem aquelas.

Histórias de Urubus

Três Homens, Miguel, Fausto e o Homem.

109

Miguel, transformado em ***Amanda***.

Fausto, ainda em fase de transformação, tem elásticos amarrados por todo o corpo: na polpa da bunda, na cintura, na canela, braços, todos para não deixarem o silicone de mercado espalhar para o resto do corpo.

Homem gordo.

Cena 01

Homem caído no centro do palco.

HOMEM

Antes de tudo gostaria de deixar claro que apesar do que possa parecer sempre fui um Pacato Homem Comum.

110

Amanda em cima de Fausto, descontrolada, espanca-o, atinge-o como consegue, às vezes usando seu fino salto de 30cm. Fausto sangra, mas não reage.

AMANDA

Porra!! Caralho!! Você está louco? Me chamar aqui? Quer me foder a vida? É isso? Você quer me foder?

FAUSTO

Minhas amarrações, por favor... Cuidado.

AMANDA

Você quer acabar comigo é isso? Quer foder com a minha

vida?

FAUSTO

Calma, pelo amor de Deus... Você precisa me ajudar.

E assim por diante, parecendo que não vai acabar nunca.

HOMEM

É muita violência, é muita mesmo... Minha cabeça não pára, a qualquer momento imagino alguém sendo violentado. Eu olho pra uma cena cotidiana qualquer e pronto. Lá estão as mais violentas das relações humanas, em qualquer cena. A mulher com seu cachorro, a mãe com seus dois filhos... Só consigo imaginar que tipo de violência há por trás do casal de apresentadores do telejornal.

AMANDA

Você quer me foder? Tenho que pegar o avião amanhã pra Brasília...

FAUSTO

Eu não sabia pra quem ligar...

HOMEM

Cada detalhe eu vejo, geralmente sonho com isso. O projétil rasgando o tecido, explodindo as veias feito bolhas de plástico, a hemorragia se espalhando pelo corpo... É assim... Direto eu imagino alguém sendo violentado. No ônibus, nas lojas, atendentes, clientes, telemarketing, violências gratuitas, algumas muito bem pagas...

Amanda e Fausto se digladiam.

HOMEM

Apesar disso costumava andar por aí na rua, como um Pacato Homem Comum.

Escorre pelas costas do Homem um sangue inestancável, litros e litros atapetando de vermelho todo o palco. É um Homem gordo de muito sangue.

HOMEM

Fico imaginando a violência inteira, os detalhes passam pela minha cabeça. Mesmo sabendo eu que nessa cidade tudo é tão cordial... Ainda ontem no ônibus um rapaz escutava seu funk sossegado no celular, num volume tão alto, que ficava impossível escutar a ‘nona sinfonia de Beethoven’ que tocava no veículo. Por mim, a senhora idosa do banco da frente daria-lhe uma bolsada na cara, tão violenta, que seus olhos saltariam do globo. Mas essa cidade é pacata demais pra isso...

113

Fausto está com a cara cortada, tentando equilibrar-se no salto enquanto refaz as amarras de seu corpo. Amanda recompõe-se de seu surto violento, retocando a maquiagem.

Cena 02

Homem analisa-se.

HOMEM

Começou num aniversário na segunda série. Eu nem queria ir, nunca gostei do aniversariante, mas minha mãe fez questão, era aniversário do filho do vereador. “Do primogênito” meu pai dizia, como que culpando minha mãe pelo filho único que lhe deu. Parece até que foi ontem. Lembro dos detalhes. O gatinho era caramelo e tinha uma mancha branca rodeando o olho esquerdo. Não que eu gostasse de gatos... Já não gostava na época... Mas quem não se comove em frente a um filhote? Ele era o mais frágil, no meio dos sete irmãos, naquele terreno baldio, esperando pela mãe que voltaria, quem sabe, com a carcaça de uma pomba.

Pausa.

Nas distribuições da tarefa, eu fiquei encarregado de vigiar os adultos. Na HORA CERTA eles me chamariam.

Pausa.

Nossas Mães conversavam no banco de madeira, em meio a cigarros e vodkas de baunilha importada. Falavam qualquer coisa sobre a nova música do Roberto Carlos. Excitadas com o refrão, repetiam em coro “quem foi que disse que tem que ser magra pra ser gostosa”... Daí por diante faziam considerações, algumas objeções, outras exceções, ofendiam-se, discretamente, mas ofendiam-se... Gargalhavam... Eu gostava tanto daquilo... Minha mãe não tinha a melhor risada dentre todas as mães... Ela abria seus lábios encharcados de álcool e um segundo depois se ouvia a gargalhada da voz rouca do tabaco, seguida de uma tosse encatarrada. Sinto tanta falta do sorriso áspero, dos dentes amarelados da minha mãe. Aquela foi a última vez...

Sente o sangue gelar as costelas.

Logo um moleque veio me tirar deste transe, era o irmão mais novo, disse que estavam todos me esperando, que teríamos que ser rápidos. Na hora eu até pensei em ficar. Em sentar no colo gordo da minha mãe e contar aquelas piadas cabeludas que eu lia na revistinha do 'Costinha'. Elas então me recriminariam, mas achariam graça de tudo, me chamariam de pestinha, capetinha, safado, e depois me dariam o maior pedaço do bolo... Meu futuro naquela festa seria promissor... VAI AMARELAR BICHINHA? O moleque sorriu malignamente... Dos dois filhos do vereador, ele era o pior... Não sei direito o que, mas eu conseguia ver algo a mais em seu semblante, algo a mais que a simples e curiosa maldade que carregamos durante a infância. Parece que nasceu com uma espécie de revolta impregnada na alma, ele um dia fez sangrar a cara de um coleguinha usando peças de LEGO. A idéia de tudo isso lógico foi daquele moleque. Quando cheguei na cozinha estavam todos cantando alguns números: "- 7, 10, 15, 20 segundos". As meninas desesperadas no canto fin-

giam uma súplica, clamavam por uma piedade mentirosa, mas nós sabíamos que estavam curiosas, todos nós estávamos... Nenhum adulto deveria deixar seus filhos juntos, sozinhos, e com muito açúcar no sangue. Um minuto. UM MINUTO!!! Alguém gritou, nunca soubemos ao certo quem... Mas desconfiávamos... Um minuto, bateu-se o martelo, um minuto que pareceu uma eternidade.

(...)

Dentro do micro-ondas o gato a princípio só se incomodou com o calor, era lindo vê-lo rodando na bandeja de vidro. Fiquei fascinado com aquela imagem, os olhos esbugalhando, as unhas frágeis arranhando em desespero o vidro, os pêlos incendiando-se. Atrás de mim, já ninguém olhava para aquela tragédia, todos desviavam o olhar em um misto de nojo e horror. Quanto a mim? Cuidava para não piscar, para não perder um mínimo dos detalhes, eu e O MOLEQUE assistíamos aquilo tudo como a um episódio do nosso desenho favorito. Cheguei a ouvir alguém gritar: “-Desliga isso”, mas não pude... Fiquei paralisado,

estático. Os adultos só chegaram quando ouviram a gritaria, dois segundos antes da explosão. O moleque se juntou aos outros e eu continuei parado vendo as tripas do felino escorrer pela parede do aparelho. Lembro de ter visto cada mãe horrorizada com seus filhos, algumas chorando de desgosto, mas a minha NÃO. A minha mãe ficou sob a batente da porta, olhando fundo nos meus olhos, como se pudesse rever cada um dos sessenta segundos que eu acabara de presenciar. Era claro o que ia acontecer a todos, íamos culpar o verdadeiro culpado, todos nós iríamos jurar que a idéia não foi nossa, alguns de nós apanharíamos, outros seriam condenados aos mais cruéis dos castigos e obviamente cancelariam nossa excursão ao parque de diversões naquele ano. Mas meu interminável castigo foi o pior de todos eles, desde aquele dia eu soube que seria condenado pro resto da vida a ver a beleza de qualquer violência, a procurá-la desesperadamente em cada gesto cotidiano, condenado ao fascínio por suspiros de morte. Eu soube disso naquele momento,

e minha mãe ao ver todo este futuro promissor que me aguardava descortinando-se em minha retina, nunca mais sorriu.

Cena 03

Fausto com brancos panos de chão, tenta conter o sangue que se espalha pelo palco.

FAUSTO

120

É que isso não pode ficar assim... Escorrendo. Não pode! Se o sangue descer pelas escadas estou fodida...

Silêncio de Amanda.

FAUSTO

O prédio inteiro reclama de mim, das festas, dos meus convidados, das farras. O que diriam deste sangue sujando o carpet do corredor? Vou levar uma multa, com certeza... Vou levar uma multa.

Amanda continua em silêncio...

FAUSTO

Que seja. Não posso fazer tanto esforço... Esse sangue não acaba nunca? *(É tanto sangue, que o trabalho de Fausto parece ser em vão.)* Tenho medo de o silicone descer para o meu joelho e eu acabar ficando como aquela tua amiga, lembra? Da patela de elefante. Amarra pra mim? Você quem sabe fazer isso, melhor do que eu. Por favor... Você precisa me ajudar.

Amanda amarra com força, com raiva, as articulações de Fausto.

121

FAUSTO

CUIDADO, não pode estancar meu sangue.

AMANDA

Cala boca. Sei como fazer isso.

Silêncio.

FAUSTO

Não quer saber como tudo isso aconteceu?

AMANDA

Prefiro não. Já estou envolvida demais.

FAUSTO

Estava na cama com as pernas pra cima. Então a campainha tocou.

AMANDA

Já disse que não...

122

Silêncio. Amanda continua a amarrar com força Fausto.

FAUSTO

Você teve medo? De alguma coisa não dar certo... Sei lá... De não valer à pena, de gastar dinheiro à toa... De que não vai ser melhor assim, talvez seja melhor mesmo como está. Que o bom é a gente se acostumar com a vida que tem... *(Amanda quase parte ao meio, com os elásticos, os joelhos de Fausto)* Que vai inchar... Medo de... Não sei... Dar algum tipo de complicação. São tantas as histórias que a gente ouve... Você consegue me imaginar, depois de tudo?

AMANDA

...?

FAUSTO

Queria ficar com o corpo magro e doente da mamãe.

Amanda dá-lhe um tapa na boca em sinal de repreensão.

FAUSTO

Vai me ajudar?

AMANDA

Sejamos rápidos então.

Cena 04

Amanda analisa-se

AMANDA

Esse tipo de coisa não dá pra prever. Como a gente vai ficar... Tem a merda da química. Não dá pra saber. Não é bom criar expectativas, você se frustra. Você acaba sempre se frustrando. Eu me frustei. No final é como se você nascesse de novo, com um novo corpo, talvez você até goste de algumas coisas, que algum peito saia como o planejado, mas vai acabar não gostando de tantas outras, nunca vai estar bom o suficiente, então você começa a mudar, mais e mais vezes. Demora meses... ANOS... Até o dia em que se vê diante do espelho e nada mais de você restou. A genética, o nariz batatudo da sua mãe, a testa grande e calva do seu pai, e antes mesmo que qualquer abandono pudesse ser feito, você dá um jeito de virar órfã.

Cena 05

*Rostos de Amanda e Fausto estáticos flutuam pelo palco,
não há corpo nenhum, apenas rostos.*

FAUSTO

Como era mesmo a musiquinha?

125

AMANDA

(Cantarola.)

Contra todos e contra ninguém,

É o Respeito que nos leva além

Igualdade na diversidade,

Amanda Vereadora

Travestida pela Liberdade.

Fausto gargalha.

AMANDA

...?

FAUSTO

Desculpa, mas é que é ridículo. Você vestida de “a justiça é cega”, pedindo votos à COMUNIDADE. É patético.

AMANDA

126

Cala boca e me ajuda aqui.

FAUSTO

Papai ficaria orgulhoso de ter uma filha política, seguindo os passos dele.

AMANDA

Droga. Você está me dispersando.

FAUSTO

(Imitando grosseiramente seu pai.)

“Política é coisa pra homem. Há de se ter culhões...”

Sangue espirra na cara de Amanda.

FAUSTO

Pelo menos lhe sobraram os culhões.

Cena 06

HOMEM

Como um cacto sobe arranhando a terra em que nasce...
Uma vontade de vingança brotava em mim aos poucos,
na boca do estomago. Fiz faculdade, trabalhei, casei...
Um pacato homem comum. Minha mulher me amava, o
que é assustador. É assustador ver nos olhos de uma pes-
soa o desespero do amor. É ainda mais tenebroso a idéia
de alguém gostar de MIM... É tenebroso ser amado, ver
alguém cedinho olhar nos teus olhos, após os pesadelos
rotineiros que me embalam em uma noite mal dormida, e
dizer que me ama. O que faz essa mulher pior do que eu
a ponto de me amar?

Homem sente-se enjoado ao falar de amor.

Mas como fazem os homens comuns, me casei com
aquela que me amava. Tivemos um filho gordo e branco.

Eu gostava das madrugadas em que trocava suas fraldas, tinha prazer em contar histórias de lobos e urubus. Dia desses, minha mulher me deixou sozinho em casa. Do sofá da sala eu via com orgulho ele aprendendo a andar no tapete felpudo, indo ingenuamente em direção à tomada. PARALISEI.

Contendo-se.

No dia em que nasceu eu tive certeza de que seria capaz de protegê-lo de quem quer que fosse... NÃO DE MIM... Mas de quem quer que fosse. Fitei-o desesperadamente paralisado aproximando da tomada. Se eu pudesse, JURO!!! GRITARIA. Tiraria ele de lá correndo, e acalmaria o susto com uma mamadeira morna de quem sabe cuidar de um filho. A merda era o fascínio diante do meu vício. O choque fez o plástico da chupeta virar a pele da boca. “Um descuidado” minha mulher gritava “Irresponsável”. Chorava um choro de dor maior que do menino. Olhando novamente no fundo dos meus olhos. Já não era capaz de me dizer eu te amo. Daquele dia em diante senti aqueles

arranhões na boca do estomago.

FAUSTO

É essa história da mulher que me incomoda... Do Feminino... Sempre fui fraca como homem. Nasci natimorto de cinco meses, uma semana na incubadora e retomei a vida. Um feto ansioso pra vir ao mundo, meu pai contava pra todos... Minha mãe não me agüentou no útero seco do remédio que tomava, ela pegou um câncer no mesmo dia em que engravidou de mim. Minha mãe era dessas mulheres frágeis, passou a vida inteira lutando contra o câncer, não contra um ou dois, mas contra O CÂNCER, depois do sétimo paramos de contar... Já lhe tinham deixado plana sem os seios pra me amamentar, nem braços fortes para me segurar. Quando ficava boa era pra beber. Ela dizia que o álcool anestesiava. Ficava linda bêbada, ficava linda e languida... Minha mãe era dessas mulheres que bebericavam o álcool com a delicadeza de um beija-flor. E ria. A bebida era o que a mantinha viva achávamos, tinha tanta química no corpo, mas o que funcionava mes-

mo era o álcool. Nos poucos intervalos que tinha entre uma biopsia e outra, ela bebia, e nos amava. Era bêbada que éramos uma família. No dia seguinte de um resultado positivo, caía de cama novamente e passava amargas horas reclamando de dores enquanto a preta Margô nos dava algum tipo de cuidado. Algum tipo... Meu irmão e eu tínhamos a sensação de que na verdade o câncer existia pra ela se ver livre da gente.

Ele respira. Olhos secos de dor.

131

Ela, meu irmão, teve mais sorte que eu. Meu irmão... Teve mais sorte que eu...

Cena 07

Sozinhas no palco. Ainda resta um pouco de sangue no chão. Elas seguram uma mala cada, um facão de açougueiro ensangüentado no chão.

AMANDA

132

Bom, preciso pegar o primeiro voo pra Brasília. Você vai ter que concluir o despacho sozinho.

FAUSTO

Enterro?... Jogo no lago? Numa vala qualquer? No lixão do shopping? No pátio da prefeitura?

Amanda dá-lhe um tapa.

AMANDA

Espero que tenha ficado bem claro, que esta foi a última vez...

FAUSTO

O que é aquilo na janela?

Amanda e Fausto são encobertas pela sombra pavorosa de um pássaro preto. Um urubu fétido e preto se aproxima delas. Elas se assustam com a ave, com o cheiro, com o aspecto repugnante.

FAUSTO

Foi o cheiro de carniça.

133

Amanda e Fausto protegem suas malas da ave. O urubu ataca.

HISTERIA.

Elas correm pelo palco. Desespero.

AMANDA

A faca... Pega a faca...

Fausto pega a faca e tenta atingir o pássaro, quase acerta Amanda.

FAUSTO

Eu não consigo fazer isso amarrada. Ele é muito rápido.

Amanda pega a faca, e com um golpe certeiro arranca a cabeça do urubu, a ave ainda fica correndo sem cabeça em volta do palco até cair desfalecida no chão. CONVULSÕES.

Silêncio.

134

Elas se olham.

FAUSTO

MERDA...! Eu troquei mês passado o piso da sala... Olha como está...

Elas riem como há muito tempo não faziam.

FAUSTO

Você continua ótima nisso...

Amanda mascara um sorriso.

FAUSTO

Sinto a tua falta.

AMANDA

Mas você tem que evoluir...

FAUSTO

Éramos imbatíveis...

AMANDA

É perigoso...

FAUSTO

135

Não é possível que não sinta falta, do cheiro doce do sangue quando atinge em cheio o coração. Você é como eu. NÃO É POSSÍVEL... É igual a mim...

AMANDA

Corre muito o risco de ser peg**A**.

O coração de Fausto inflama de felicidade.

AMANDA

O quê?

FAUSTO

É a primeira vez que você se refere a mim no feminino.

Amanda mascara outro sorriso.

AMANDA

Preciso ir...

FAUSTO

FICA! Pelo menos pra me ajudar a encontrar um nome.

Cena 08

FAUSTO

Ela. Meu irmão. Nasceu com a sorte de não ser como os outros que nascem nessas condições. Nasceu um homem forte. Eu ficava admirando com um amor que doía fundo a cada farelo de atenção. ELA era o homem da casa, era quem podia ter um futuro melhor, quem seguiria os passos do pai, quem teria a força para confortar a família no enterro de mamãe. Eu seguia atrás como seu cachorrinho. Quando me chamava eu ia, e sempre, como um cão corre em círculos, fascinado pelo dono. Me sentindo cada vez mais vivo a cada humilhação. Meu corpo se estremece inteiro quando algum amor parece vir de você.

MIGUEL

Não pode... Fica quieto lá em cima e só saia quando eu avisar.

FAUSTO

Por que não?

MIGUEL

É família, você pode ficar impressionado. Sejam os racionais. Não pode vir comigo.

FAUSTO

Preciso dividir essa emoção com você.

138

MIGUEL

O acerto de contas não é teu. Não quero te encrencar.

FAUSTO

Você pode precisar de mim, ele é forte pode acordar no meio.

MIGUEL

Não, a decisão é minha... Minha vontade.

FAUSTO

Se eu te disser que comigo também?

Um silêncio dolorido para Miguel.

MIGUEL

Quando?

FAUSTO

Um mês depois da mamãe morrer. Você estava num aniversário na vizinhança, e ele subiu ensandecido no quarto, disse que faria pior do que fez em você.

MIGUEL

139

PORCO!!!

FAUSTO

MENTIA.

MIGUEL

Venha, mas não vai estragar tudo.

FAUSTO

E desde então fomos pegando gosto pela coisa... Flanelinhas, anônimos, alguns traficantes, figurões sem muita importância, todos aqueles que como ele nos recriminassem,

que nos olhassem torto, que nos fossem grosseiros. Era na morte que éramos família novamente. Cada uma delas era como uma grande festa. Ríamos, cigarros, tomávamos champanhe se era réveillon, encharcávamos de álcool os cortes para ver se o sangue espumava. Prometíamos cumplicidade eterna. Mas sem que eu me desse conta, ELA... O meu irmão... Foi sumindo aos poucos, de sobancelhas feitas, seus gestos não eram mais o mesmo. Essa coisa do feminino me irrita... Da mulher. O CULOTE, os braços finos, as unhas pintadas, os peitos, primeiro UM, um mês depois o OUTRO, a cintura acentuada. Já não reconhecia nele os traços da nossa adolescência, ELA! O meu irmão... Foi mudando como se quisesse mascarar o que era, o que sentia. Como se fosse possível mascarar a própria fúria.

AMANDA

Já não podia olhá-lo da mesma maneira.

FAUSTO

Ela. Afastou-se de mim. Meu irmão enojou-se de mim.

AMANDA

Teria eu agora uma segunda eternidade. Seria assim pra sempre esta outra pessoa...

FAUSTO

As ligações se perdiam nas secretárias, o endereço mudava...

141

AMANDA

Sem que houvesse nenhuma recaída. Não com as unhas pintadas. Não assim de batom.

FAUSTO

Prosseguia sanguíneo no meu desejo de me reencontrar com a morte. Solitário. Em madrugadas geladas, sem minha matilha. Em busca dela, da sua parceria. Como aquelas sombras nas ruas desertas que víamos juntos nos filmes de suspense. Mas a adrenalina. A abordagem. Não

era a mesma coisa. O bote perdeu a graça. Até perigoso às vezes. Teve um que quase sobreviveu. Fui perdendo a mão. Buscando o mais fáceis. Em praças iluminadas, bêbados em saídas de boates, nenhum chegava aos pés daquele skinhead que matamos na Páscoa.

AMANDA

Já não era capaz nem com uma mosca.

FAUSTO

Teve um tempo em que tentei retomar a prática. Com cães.

Pausa.

Então perdi a vontade. A morte já não fazia mais sentido, já não era uma Boa Companhia. Não havia mais por que, nem por onde, nem quem eu pudesse!

Ter uma vida normal.

AMANDA

Ter uma vida normal.

FAUSTO

Ter uma vida normal. Ela me disse um dia.

AMANDA

Ter uma vida normal, trabalho, emprego, algum amor...

Entrar pro ramo da política.

FAUSTO

Como se fosse possível assim virar do avesso.

AMANDA

Ter uma vida normal. Telefones que tocam sem sobresaltos.

FAUSTO

Como se fossemos um desses pacatos homens comuns.

AMANDA

Ter uma vida normal. Ter roupas sem manchas de sangue.

FAUSTO

Eu via que por fora Ela! ...

AMANDA

Não suar frio toda vez que alguém pergunta o que fez no feriado.

FAUSTO

Meu irmão. Era outra pessoa.

144

AMANDA

Poder me livrar de toda a genética doentia em que fui criada. Dos meus laços cosangüíneos. Enfim... Ter uma vida normal.

FAUSTO

Então terminei sozinho.

Silêncio, talvez o único verdadeiro da peça inteira.

Cena 09

FAUSTO

Esse vai ficar bom. É o mesmo nome daquela menina-branca da minha sala de aula, enlouquecida por você. A paraguaia? Ela era paraguaia, não era? Mamãe a amava, dizia que me casaria com ela. Tinha aquela doença de pele. Não lembro o nome. Mamãe sabia. Sei que não podia ficar embaixo de luz quente... “Se não derretia” a gente dizia. Lembro um dia nos jogos estudantis. Ela queria ir até o poliesportivo, eu não entendi. Não praticava esportes, os ossos que saltavam da pele se quebrariam em pó com uma bolada. Fiquei sabendo depois que ela iria lá pra te ver. Ver você ganhar na final. Lembra? A mãe dela mandou colocar luz fria no estádio inteiro, só para que ela pudesse ir torcer por você. Era impossível ver as veias do braço. Foi a partida de volêi mais azul que eu assisti na minha vida.

HOMEM

Então eu estive com ele. Conhecer alguém que conhece alguém que o reencontrou esses dias na internet.

FAUSTO

Desculpa a gente se conhece?

HOMEM

Da segunda série.

146

FAUSTO

Não consigo lembrar o nome. Era um nome estranho.

AMANDA

Era um nome difícil.

HOMEM

As sobrancelhas. O vermelho do rosto, tudo mudou. Mas eu sabia que era ele. Era impossível não reconhecer... O mesmo olhar.

FAUSTO

Desculpa é que faz tanto tempo.

HOMEM

Não era possível que não se lembre de mim. Do gato eu falei. Do gato... Seu olhar não parava de me olhar como a um desconhecido.

FAUSTO

Desculpa. Eu sou assim mesmo um pouco esquecido. Do gato ele me dizia. Eu me lembrava da história de um gato em qualquer dia da minha vida.

147

HOMEM

Daquele dia que eu nunca tiro da cabeça.

FAUSTO

O que veio fazer aqui?

HOMEM

Eu me imaginei entrando em seu apartamento como um leão invade uma toca de coelhos. Com as mesmas piores

violências testemunhadas esses anos todos. Ele podia ver isso. E eu que queria tanto...

AMANDA

Não consigo lembrar o nome dela.

FAUSTO

Laudelina.

AMANDA

Nome difícil.

FAUSTO

Eu podia prever. Aquele homem Gordo parado diante da minha porta, com a mesma raiva que um dia eu tive. Tenho? Essa coisa do instinto que falam tanto... Fala mais alto nessas horas. Pedi que ele fosse embora.

HOMEM

Que não era uma boa hora.

FAUSTO

Está tarde. Volte outro dia. Outra hora. Colocar o assunto

em dia.

HOMEM

Não havia o que conversar.

FAUSTO

Eu queria mudar, eu juro. Ele apareceu na minha porta como uma lebre entra sem querer na jaula de um leão. Já não era possível que ele escapasse. As veias explodiam na retina, o sangue subia à cabeça. Aquele homem gordo e frágil. Inábil. Não poderia escapar.

149

HOMEM

E eu que queria tanto. Não sei se matar ou morrer. Acabei me entregando a mais insossa de todas as violências, a morte crua. Sem motivos, sem esforços. Fui castigado com uma morte Banal. Não havia beleza em nada, apenas as paredes mofadas. Caído perto de uma mancha que meu nariz acredita ser do mijo de algum cachorro. Ainda quis que houvesse arranhões, mas não havia agilidade neste estado bruto e gordo em que me encontro.

Eu que tanto quis, acabei morrendo pura e simplesmente. Só uma faca fincada nas costas, logo abaixo das escápulas. Não foi sequer uma faca firme que fura brutalmente. Primeiro a gordura rasgada, depois o banho de sangue frio arrepiando a espinha. Uma morte crua, em uma violência pacata e comum.

FAUSTO

Laudelina era o nome dela. O nome de uma heroína.

AMANDA

Sabe que uma vez escolhido, o nome é pra sempre? É como um batismo. Terá de responder. Atender se ouvir chamar.

FAUSTO

Olhando para as amarras.

Como se fosse possível voltar atrás.

AMANDA

Se olhar no espelho...

FAUSTO

Laudelina. É esse. Eu gosto. Tem que usar bastante a língua.

AMANDA

...E a primeira pessoa que vai ver, é esta outra: Laudelina irmão. Não você.

Neste momento – Transformação.

LAUDELINA

151

Que Seja.

AMANDA

Então agora é isso assim pra sempre.

Laudelina olha para os braços, para as pernas, para os peitos, para o céu, olha em volta.

AMANDA

Demora um tempo pra sentir a diferença.

Laudelina respira os ares da nova vida...

LAUDELINA

Ainda cheira a sangue... A vida ainda cheira a sangue.

AMANDA

Daqui à uma hora o taxi chega em casa pra me levar pro aeroporto. Juízo em sua nova vida.

LAUDELINA

O mesmo cheiro de antes. A mesma cor de antes.

152

AMANDA

Fica tranqüila. Não funciona como lobisomem. Meia noite de um feriado qualquer a vontade não volta.

LAUDELINA

Então tudo seria em vão...

AMANDA

Acalme.

LAUDELINA

Tudo ainda parece ser exatamente como antes. Você ain-

da está aí em frente à porta. Querendo ir para algum lugar onde eu não possa entrar. É desesperador. Não haverá volta. Não há volta pra mim, pra você.

AMANDA

Por isso seguimos...

LAUDELINA

Em seu espelho de maquiagem.

Os olhos brilham. Igual... Igual aos de sempre. Igual aos seus.

153

AMANDA

Eu não. Eu mudei. Eu me transformei

LAUDELINA

Mas os olhos... Os olhos brilham iguais. O olhar não se maquia.

AMANDA

Bom... Divirta-se.

LAUDELINA

Você mentiu pra mim.

AMANDA

Não te forcei nada.

LAUDELINA

Fazendo acreditar que seria possível. Mudar. Ser como você.

154

AMANDA

Você precisa se acalmar.

LAUDELINA

Ainda sinto em você o cheiro da carniça que nenhum perfume encobre.

Laudelina como um urubu. Agarra-se forte à irmã, como a uma carcaça. Tenta confrontá-la. Amanda desvia o olhar.

Vão ao chão.

Laudelina busca por um olhar do irmão.

LAUDELINA

Eu posso ver você Miguel.

AMANDA

Me larga. Você precisa me deixar ir.

LAUDELINA

Lá no fundo do olhar. Estendendo as mãos para que eu o salve. Ele. O meu irmão. Implorando para que eu o socorresse afogado em silicone. Finalmente eu o reencontro.

155

Amanda pega a faca caída no chão e atinge com um golpe certo, pelas costelas o coração de Laudelina.

Laudelina se afoga no pulmão atravessado encharcado de sangue. Depois silencia. Amanda se levanta. O ar seco propaga o som da faca ao cair no chão. Amanda recompõe-se. A respiração dela ainda ofegante começa a tomar ares de pouca importância. De cotidianíces. O cabelo fora do lugar é arrumado, assim como as manchas de sangue das mãos são apagadas pelo vestido.

Amanda como um urubu. Arrasta Laudelina para fora do palco. Volta com outra mala e a larga junto as outras duas depositadas no centro do palco.

Das malas escorre um chorume que começa a atapetar o palco.

FIM.

Luiz Bertazzo Nascido na ensolarada e calorenta cidade de Corumbá no Mato Grosso do Sul, em 2003 fez da fria e cinza Curitiba sua segunda terra natal. Formado em interpretação no ano de 2010 pela Faculdade de Artes do Paraná, desde 2005 integra a CiaSenhas de Teatro. Em 2007 ganhou o Troféu Gralha Azul (Prêmio Governador do Estado do Paraná) na categoria ator coadjuvante pela peça “O Burguês Fidalgo” de Molière. Em 2010 concorreu ao mesmo prêmio na categoria de melhor ator pelo monólogo, “Homem Piano – uma instalação para a memória”, realizado pela CiaSenhas. Neste mesmo ano integra o Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná. “Histórias de Uru-bus” é seu primeiro texto finalizado, desde então escrever tem se tornado uma prática diária e passional.



SilviaMonteiro **Asopa**

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná, sob orientação de Roberto Alvim, no ano de 2010}.



SilviaMonteiro
Asopa

*If a man is alive, there is always danger that he may die,
though the danger must be allowed to be less in proportion
as he is dead-and-alive to begin with.*

Henry David Thoreau

Personagens:

O PAI

O FILHO

A MÃE

MOMENTO 1.

Uma sala. Uma grande mesa de madeira. Algumas cadeiras. Engradados empilhados formam uma estante. Ou um guarda-louça. Um relógio parado. O Filho traz para a mesa uma tigela fumegante. Na estante, pega prato e colher. Serve-se. Entra o Pai. Desalinho de fim de dia. Larga suas tralhas no chão. Larga-se numa cadeira diante da mesa.

PAI - Tem comida aí?

FILHO - Sopa.

PAI - Fala 'bosta', mas não fala 'sopa'.

FILHO - Eu gosto.

PAI - Enfia no cu esta merda.

167

FILHO - Eu gosto.

PAI - Eu sei bem do que é que você gosta.

FILHO -...

PAI - Me dá um prato.

FILHO -...

PAI - Me dá um prato dessa merda, porra.

FILHO -...

PAI - Filho da puta... *(O Filho levanta. O velho fala amigável, esperando ser servido)* Achei um troço na rua, hoje, queria que você visse. Tava de bobeira, circulando pelo centro... Passei pela porra daquele beco... O beco do mijo, sabe?... E eu vi aquele troço...

FILHO -... *(O Filho se serve de mais sopa e volta a sentar)*

PAI - Filho da puta, não é capaz de servir um prato de sopa pro pai. *(O Pai levanta. Pega prato e colher. Serve-se e volta a sentar)*

FILHO -...

PAI - Tem pão?

FILHO -...

PAI - Preciso de pão pra empurrar essa merda pra dentro.

FILHO - Eu não gosto.

169

PAI - Nhêu nhão nhosto!!!

FILHO -...

PAI - Eu sei bem do que é que você gosta.

FILHO -...

PAI - Você é bem a feição da tua mãe... A boca de chupadeira... A língua ligeira... A mesma bunda...

Você sabe que tem bunda de mulher...

FILHO -... (*O Filho pára de tomar sopa e fica olhando para o velho*)

PAI - E aí? Está trepando com alguém? Ou não conseguiu
juntar um troco pra pagar um vigia de obra pra
comer teu rabo?

170

FILHO -...

PAI -... Fala aí... Fala! Se abre aí. Pode se abrir comigo.
Não quer se abrir?

FILHO - Vá se foder, velho.

PAI - Não dá meu filho! Meu pau é grande, mas não dá a
volta (*Gargalhada*)... Não dá a volta...

FILHO -... (*Sai da sala*)

PAI -... Essa foi boa, não foi? Porra... É grande, mas...

Não – dá – a – volta. Sacou?...

FILHO - (*Volta e tira a louça toda*)...

PAI - Porra, essa foi boa... Foi engraçado... Fala aí!

171

FILHO -...

PAI - Viado.

FILHO - Eu vou trazer uma pessoa aqui em casa, hoje.

PAI - Opa!... Uma *pessoa*...

FILHO - Dava pra você ficar mais parecido com gente?

PAI – Como é que é?

FILHO - Ou então sumir por umas duas horas...

PAI – (*Brutal*) Filho da puta, nunca te fiz passá vergonha.

Nunca. Eu não sou a tua mãe. Aquela sim era pra matar de vergonha...

FILHO – Cala a boca, velho... (*Mal se defende*)

PAI -... Era uma merda. Chegava a turma do filhinho, ela botava um vestido que era um lenço na frente da buceta. Cruzava as pernas e mostrava metade da bundona...

FILHO – Chega, velho!

PAI – Olha só... Ficou macho!

FILHO - Deus me livre!

PAI - É por causa de mim... Não quer ser homem por causa de mim. Eu sou mais home que qualquer um destes caras que te enrabam. Criei você sozinho, até antes da sua mãe morrer... Tua mãe cagava e andava pra você... Eu...

FILHO – “... Trabalhei... Me fodi... Me caguei...”

173

PAI - Pra deixar essa casa em pé. É verdade, seu bostinha.

FILHO – “... Trabalhei... Me fodi... Me caguei... Mas nunca faltou nessa mesa um prato de sopa!

PAI - Fala ‘merda’, mas não fala sopa!

FILHO - Se a mãe não estivesse por perto você já tinha se

arranjado com raiz de capim.

PAI -... Vai trazer uma *pessoa*...

FILHO – Só tinha sobra, velho. Por isso eu fiz sopa.

PAI -... Eu não vou sumir porra nenhuma!

FILHO – Já esfriou... Esquento?

(O Filho leva a tigela para a cozinha)

PAI – Você não vai trazer uma *pessoa* pra te foder aqui na
minha casa.

FILHO – Tem que comprar mantimento. Quer que eu faça
uma lista?

PAI – Comprá, comprá, comprá, só comprá. Como será

que era antes?

FILHO – Antes?

PAI – Quando não tinha mercado, porra. Quando não tinha dinheiro.

FILHO – Devia ser uma merda. Caçar, catar as coisas no mato, no rio...

175

PAI – Já pensou...? Tá de noite, você com fome... Não tem a mula do teu pai pra comprá nada. Você levanta e vai no rio pescar, ou vai caçar. E o fogo, ein? Como é que você fazia? Não tinha fósforo, não tinha isqueiro, fazia o quê? Ficava esperando um raio cair na fogueira?... Puta, quando penso nisso dá até um ruim. *(O Filho volta para a sala)*

FILHO – Viajou? Tá chapado, velho? ... Andou

fumando...

PAI – Fumando teu cu. Fumando... Nunca fui de fumar. O Ivalino fumava. Vivia doidão. Pegava a caminhonete e saía que nem louco. Uma vez atropelou um bosta e fugiu. O cara nunca mais andou. Um dia, o bosta achou o Ivalino – procurou mais de ano! Achou o Ivalino e foi dizendo “cara, você fodeu com a minha vida. Tô na merda perdi mulher, emprego, amigos. Até minha mãe parou de me visitar”. O Ivalino chorou de dó do aleijado. “Eu tinha tudo, eu tinha tudo, tudo... Agora você vai me pagar.” O cara puxou uma arma e apontou pro Ivalino... O Ivalino tirou a arma da mão do sujeito, deu tanto na cabeça do filho da puta com a arma que, além de aleijado, o bosta ficou meio retardado. *(Ri muito)* Um escroto a menos no mundo. *(Ri por muito tempo)* Você tem fumo?

FILHO -...

PAI – OOOOOOOO! Tem maconha, aí?... Dá um beg
aí...

FILHO -... *(O Filho pega apetrechos na estante. Volta para
a mesa e começa a enrolar um baseado)*

PAI – Você foi falar, agora eu quero.

177

FILHO -... *(Acende o baseado)*

PAI – Fininho é bom... Me passa aí...

FILHO – Espera.

PAI – Péra péra péra – Merda bosta merda.

FILHO – Pega aí.

PAI – Ahhhhhh. *(Fuma muito e devolve)*

FILHO – *(Fuma e devolve)*

PAI – *(Fuma e devolve)*

FILHO – *(Fuma e sobra uma ponta. Passa para o Pai)*

178

PAI – *(Pega a ponta e fuma, xingando e se queimando)*

Bosta de fumo, não vai dá nada!

FILHO – Fuma quieto, velho...

PAI – Só estou vivo por causa do Ivalino...

FILHO – Fica quieto, velho...

PAI – Só porque o Ivalino tava lá...

FILHO – Velho...

PAI – Verdade, porra. O Ivalino sempre tava no lugar certo...

FILHO – Pai...

(A Mãe está parada na entrada da sala. Traz sacolas. Os dois ficam imóveis. A Mãe atravessa rapidamente a sala e desaparece na cozinha.

Volta com um jarro d'água, panos, álcool e bacia. Despe o Filho. Limpa o Filho cuidadosamente como que faz uma assepsia pré-cirúrgica. O Filho se veste.

O Pai começa a se despir esperando a sua vez. A Mãe leva até ele a água, o álcool e panos limpos. Olha-o com indiferença e sai. O Pai volta a se vestir.

Da cozinha ouve-se o barulho de panelas. Faca batendo freneticamente na tábua de carne. Vasilhas, jato forte na torneira. O acendedor automático.

O Pai molha a nuca, as pálpebras, os cabelos. Por baixo da roupa umedece as axilas e a genitália. Penteia-se cuidadosamente.

Pai e Filho limpam a mesa. Sentam-se cada um a uma cabeceira. Solenes. Limpos. Quietos. A mesa impecável. Pronta para gala ou para dissecação.

A Mãe entra e sai da sala para a cozinha enquanto põe a mesa e prepara a sopa)

MÃE – Vou usar este caldo ralo que está aqui no fogão.

Trouxe umas coisinhas... – Não tem café – Arroz, macarrão, óleo. Com mandioquinha salsa, cortada fininho para encorpar mais rápido. Tomate pelado. A casca gruda no dente. Um teor altíssimo de agrotóxico. Uma pitada de cominho. Eu não gosto. Sua mãe sempre punha cominho na sopa, você gosta... Um pouco de pimentão, sem casca. Ai, agrotóxico. Usei do verde. O vermelho tá os olhos da cara. Depois de cozido o gosto é o mesmo. Tinha

batata, mas preferi mandioquinha, a cor fica mais bonita. Ah, hoje coloquei meia colherinha, só meia colherinha de chá de colorau. Ficou tão linda a cor, junto com o amarelo... Meio laranja. Quando colocar o cheiro-verde, então! Só eu gosto de cheiro-verde ou todo mundo gosta...? Vou bater a carne para fazer um bife... Onde é que eu estou com a cabeça, bife com sopa... Hã. Minhocas na cabeça. A sopa já está cheirando gostoso. Está pronta.

(A Mãe volta com a panela fumegante. O Pai se serve e começa a tomar a sopa. Mãe e Filho se olham. O Filho sai)

MÃE – Fiz bastante para poder congelar a sobra. A sopa fica boa ainda por um mês. Deixei a cozinha limpa. Coloquei os panos de molho. A trouxa que estava no chão, pus pra lavar. Deixei uma lista de compras presa com o imã, na geladeira. Não vi analgésico,

nem mertiolate, nem bandaide. Precisa ter. O telefone novo também deixei preso na geladeira...

PAI – Puta.

MÃE – O Ivalino perguntou de você.

PAI -... Cheiro de puta...

MÃE – Ele sente sua falta, o Ivalino.

PAI -... Esse teu perfume doce não disfarça.

MÃE – Ele fica sem jeito. Falei pra ele que é bobagem.

PAI – Feito uma cadela.

MÃE – Vocês são amigos. São adultos...

PAI – A macharada de pau duro, farejando, correndo atrás...

MÃE – Tem que conversar como adultos...

PAI – Nem vergonha tem mais... Nessa tua cara.

MÃE – Ele está querendo ir para a chácara.

183

PAI – Entra na minha casa... Rebolando essa tua bunda.

MÃE – O Ivalino só fala das pescarias de vocês.

PAI – Vadia, lazarenta, bichada, vagabunda.

MÃE – Ele ficou arrasado com o afastamento de vocês.

PAI – O açougueiro você comeu, que eu sei. O vizinho manco, meu irmão... Você trepou com o meu

irmão?

MÃE – Vocês eram vizinhos... Desde meninos, não é?

PAI – Todo homem acha que o pau dele é especial. Que a porra dele vai fazer alguma diferença.

MÃE – O Ivalino quer te ver.

184

PAI – Todo homem acha que tem o pau santo de salvar puta.

MÃE – O telefone está na geladeira. Liga pra ele...

PAI – Fica.

MÃE – *(Ela quase o beija na testa)*

PAI – Fica mais um pouco.

(A Mãe sai, fechando a porta com cuidado. O Pai apenas olha a Mãe ir embora. Petrificado. A mão, num arroubo autônomo, pega o prato e o estraçalha no chão. Silêncio. Silêncio. Silêncio)

MOMENTO 2.

185

(O Pai vai até a porta. Fica parado diante da porta fechada. O Filho entra. Pára na porta da cozinha. Sucata na mão.)

PAI - Fiz duas corridas hoje que valeram a semana. Um bacana tava com pressa. Queria ir pro aeroporto. Eu falei “tá tudo congestionado!”, ele disse que pagava a corrida e mais “cenção”, se eu conseguisse chegar na hora. Puta merda! Arrepiei. “Aperta o

cinto”, eu disse. E voei. Eu manjo cada radar e só diminuía na cara deles. Nunca nenhum me pegou. O carro balançava um pouco por causa da chuva, derrapava, demorava pra frear... Podia...

FILHO -... Tá aqui, o aparelho... O “troço”... Do beco...

PAI – Eu alisava o carro como se fosse a tua mãe, bulina aqui, bulina ali... E ela voava, voava... O bacana se arrependeu, se borro, no banco de trás... Quis sair... “FODA-SE”... “AGORA EU QUERO O DINHEIRO”...

FILHO – Não deve valer a peça de reposição...

PAI – (*Avança na direção do Filho*) – “EU QUERO!” 15

minutos, 15 minutos, duvido que algum bosta faça mais rápido... 15 minutos, filho da puta. “FODA-SE”... Eu quero o dinheiro... Cenzão... No bolso. Já pensou que mercado a gente faz este mês, já pensou?

(Pai e Filho sentam-se, cada um a uma cabeceira da mesa. O Filho começa a mexer no ‘artefato’)

187

FILHO – Ela era bonita?

PAI – Se não fosse tão bonita.

FILHO – Ele achava a Mãe bonita.

PAI – O Ivalino tem classe, achava ela bonita porque ela era bonita mesmo, mas só... Era só isso.

FILHO – Só...

PAI – Viado. Você não entende dessas coisas. Amigo não faz merda com amigo.

FILHO -...

PAI – Amigo não faz mesmo, não senhor.

FILHO – Ela não aguentava o teu cheiro, velho.

PAI – Você é um bosta, sabia... Nem olhá pra mim ela aguentava.

FILHO – Olha pra máquina.

PAI – Que é que tem?

FILHO – Olha pra máquina.

PAI – Você estuda tanto, sabe tanto, fala tanto...

189

FILHO – A máquina, velho.

PAI – Essa porra dessa máquina vale alguma coisa, ou não?

FILHO -...

PAI – O que é essa merda aí?

FILHO – Tem que sentar na mesa.

PAI – Sentar na mesa.

FILHO – Subir na mesa.

190

PAI – Tô aqui.

(O Filho começa a montar o ‘artefato’ e a plugá-lo no Pai)

FILHO – Ele nunca foi teu amigo. Comeu a Mãe, que eu vi. No teu quarto, na cozinha, na sala, na cama velha, na garagem. A risada dela era solta, a risada dela era gostosa... Ela ria... Ria.

PAI – O que é que você ganha?

FILHO -...

PAI – Me magoa mais do que você dá o cu por aí... Você falando isso. Bicha loca filho da puta.

191

FILHO – É isso, velho. Ele **não** comeu ninguém, **ninguém** aqui é corno e então, **ninguém** aqui é filho da puta. E agora eu que digo, faça o favor de calar tua boca.

PAI – Um troço velho e que não serve pra nada.

FILHO – É a tua cara.

PAI – Servi pra ser teu pai. Ia servir pra que mais, a não ser pra cuidar de um filho da puta que nem você?

FILHO – A Mãe me disse que você fez irmãozinhos pra mim... Por aí.

PAI – Pára com esse troço.

FILHO – Fez?

PAI – Sou teu pai. Cala a boca.

FILHO – Conte o que eu já sei.

PAI – Pára, porra.

FILHO – Tem irmãozinhos?

PAI -...

FILHO – Fala, velho.

193

PAI – Tua mãe secava... Daí não tinha pra ninguém... Eu
tinha que me virar, aí peguei a... Ah, que é que você
sabe, seu bosta.

FILHO – Homem ou mulher?

PAI – Um macho... E uma menina.

FILHO – Quantos anos?

PAI -...

FILHO – Eles sabem de mim?

PAI –... Não.

194

FILHO – Vivem aqui?

PAI –... Por aí.

FILHO – Ele parece comigo?

PAI -...

FILHO – Com você?

PAI – Não enche o meu saco, porra.

FILHO – Deixa eu falar de um jeito que você entenda...

Eu posso estar dando o cu pro meu irmão, sem
saber...

195

PAI – Se você não fosse viado...

FILHO – Eu podia estar fodendo a minha irmãzinha...

PAI – Me solta dessa porra que eu vou amassar a tua
cara.

FILHO – Esse é o teu mundo, velho... Você vê o que quer, o resto não existe. Nem aparece nem desaparece, só não existe.

PAI – Dá pra usar essa máquina pra alguma coisa, vender peça... Você podia fazer uma obra de arte, sei lá, viado sabe fazer essas coisas... Dá pena jogar fora...

FILHO – Quantos anos eles tem?

PAI -...

FILHO – Você viu eles crescerem ou não deu bola?

PAI – Dava um dinheirinho, de vez em quando. Falava com o guri... A mãe dele dizia que era assunto de meninos e eu ia conversar bobagem com o menino.

FILHO – Conversa de menino, com você?

197

PAI – A mãe dele achava.

FILHO – Você não trocava três frases comigo.

PAI – Você era esquisito...

FILHO – Eu era triste. Eu fiquei triste... E a única coisa que você conseguiu fazer foi perguntar se eu já ti-

nha conhecido mulher.

PAI – Você tinha essa cara... Ia pensar o quê?

FILHO – Já tinha namorado homem, já tava querendo sair de casa, todo mundo já sabia.

PAI – Todo mundo já sabia...

FILHO – E você querendo me levar num puteiro.

PAI -... Eu não... Não sabia... Eu não sentia... Nada.

FILHO – E aí? O menino é viado também ou aquele deu certo?

PAI – Deu certo, sei lá... Ele é o que ele é.

FILHO – Quase senti alguma coisa...

PAI – Tanto faz...

FILHO – Como é o nome dele?

199

PAI -...

FILHO – Você lembra?

PAI – Eu vi o moleque um tempo depois que ele nasceu...

FILHO – Lembra?

PAI -... O jeito que ele me olhou...

FILHO – Você consegue falar? ... O nome dele?

200

PAI – Aquele dia... Eu senti...

FILHO – O nome, velho...

PAI – Quase senti alguma coisa...

FILHO – Velho...

PAI –... Ivalino...

FILHO – Pai...

PAI – É Ivalino.

(A Mãe está parada na entrada da sala. Traz sacolas. Os dois ficam imóveis. A Mãe atravessa rapidamente a sala e desaparece na cozinha. Volta com um jarro d'água, panos, álcool e bacia. Ela limpa o Pai cuidadosamente como que faz uma assepsia pré-cirúrgica. O Filho se aproxima e faz os ajustes do 'artefato'. A mesa é catre de hospital. O 'artefato'... Respiradouro, engrenagens de manutenção da vida. O Filho liga os aparelhos. Mãe e Filho limpam a mesa. Param cada um diante de uma cabeceira. Solenes. Limpos. Quietos. A mesa/catre impecável. Pronta para gala ou para dissecação)

MÃE – Está na hora da sopa.

(A Mãe vai para a cozinha. Silêncio. Silêncio. Silêncio.)

MOMENTO 3.

202

(Da cozinha ouve-se o barulho de instrumentos cirúrgicos. Equipos. Esterilizações. A Mãe entra e sai da sala durante os preparativos)

PAI – Vaca... Eu não vou engolir lixo.

FILHO – Vou prender isso aqui... E isso aqui.

PAI – Não vai me fritar, viado.

FILHO – É um polígrafo...

PAI – POLÍGRAFO... Tinha que dar um nome metido a besta pra esse troço.

203

FILHO – Se ligar a máquina ela mostra quando você mente.

PAI – Pára de falar merda. Pergunta aí, que eu quero ver se essa máquina sabe das coisas...

FILHO – Se você usar uma dessas, você pode estourar, velho.

PAI – (*Rindo*) Estouro mesmo. Caralho, como eu gosto de uma história. Puta que pariu, acho que o Ivalino nunca escutou nada que prestasse da minha boca, só merda. Se eu tive um parceiro foi ele. Porra, uma vez a gente tava indo no futebol... A tua mãe tava dando pra alguém, por aí. Eu e o Ivalino vimos duas putinhas. Uma baixinha assim, nem bunda tinha, e a outra já de peitinho e tudo. A gente levou elas lá pro parque. Me joguei em cima da desbundada e o Ivalino na outra. (*Febre*) Tirei o pau pra fora, dei uma porrada na cara da guria e fui me enfiando naquela bucinha, nem pelo tinha... (*Febre. Febre*) O Ivalino deu um grito. “Lazarenta”, ele gritou, “sai, lazarenta”! Achei que a cadela tinha mordido ele, mas o quê?... A vagabunda tava pelada... Peladinha... Do meio das pernas saía um troço assim... Tinha um palmo... (*Febre. Febre. Febre*) Parecia sim, parecia um pau e parecia uma buceta... (*O Filho sai rápido para a cozinha*) Você não ri porque

você não gosta de buceta... Vomita, tem nojo...

(Voltam a Mãe e o Filho. Ela com pano úmido, ele com contentores e cintas para a maca)

MÃE – Consegue fazer ele parar?

205

PAI – Não consegue não!

FILHO -... *(Ajusta os artefatos, os contentores, o soro)*

PAI – O Ivalino deu tanta porrada na esquisita, A boca rasgou na altura desse dente aqui ó... O sangue do nariz quebrado melou a cara dela... Um tufo de cabelo saiu na mão dele quando ele puxou pra dar

em cheio na cara... Orelha rasgada... Dedo quebrado... Ombro caído... Vomitou que nem você, bichinha...

MÃE – Vou trazer outro prato... *(Junta os cacos que estão ao lado da mesa/catre e sai)*

206

PAI – Ela saiu correndo e xingando. Puta esquisita... Xingando, pode uma coisa dessas?... Eu esqueci da minha... Esqueci... Eu - - esqueci... Naquele dia... Foi naquele dia...

FILHO -... Que o Ivalino levou a Mãe embora...

PAI – Meu cu que ele levou... A vagabunda é que correu atrás dele...

FILHO – A Mãe gostava de você, velho...

PAI – Eu sei do que é que ela gostava. Eu era o pé rapado
que ela fodia de graça quando tinha pena.

MÃE -... *(Entra e sai. Aparador, babador. Preparos e apetrechos para alimentar o Pai)*

207

FILHO – Gostava, mas deixou de gostar...

PAI – Essa aí... Não gosta de nada, só dela.

FILHO – Ela, pelo menos...

PAI – Pelo menos o quê?... O que ela fez... Pra você de-

fender ela assim?...

FILHO – Ela trouxe você pra cá, velho.

PAI – Pra cá...

208

FILHO – Se a Mãe não estivesse por perto, você já tinha se arranjado com raiz de capim.

PAI – Quem é a *pessoa* que você vai trazer aqui pra casa?

FILHO – Não é **pra** casa, é **em** casa. Ele vem jantar em casa...

MÃE – (*Para o Filho*) O Ivalino quer falar com você...

PAI – Tão querendo constituir família...

FILHO – (*Para a Mãe*) O velho podia cair morto, agora mesmo... Mas ele insiste...

209

MÃE - (*Para o Filho*) Falei pra ele que não adianta. Mas ele insiste...

FILHO - (*Para a Mãe*) E o filho?

MÃE -...

FILHO - (*Para a Mãe*) E a mulher?

MÃE -... (*Sai*)

PAI – Eu não vou morrer porra nenhuma... Eu vou ficar aqui... Não morro e pronto... Eu vou ficar aqui.

FILHO – Você é um bosta, velho...

210

PAI – Bosta é no teu pau, viado... Sou fodido, sim... Mas eu sou macho, sim...

FILHO – (*Pega máscara de gás/anestesia*) Ponha isso aqui, ponha isso aqui...

PAI – Que merda é essa?

FILHO – Fica quieto, velho. (*Últimos ajustes. Sai*)

PAI – Olha só... Ficou macho... Volta aqui... O que é que essa porra de máquina sabe... Volta aqui... Eu sou mais home que os caras... Os caras que te enrabam... Criei você sozinho... Até antes da tua mãe morrer... A tua mãe... Cagava e andava pra você... Eu... “Trabalhei... Me fodi... Me caguei...” Pra deixar essa casa em pé. É verdade, seu bostinha... “Trabalhei... Me fodi... Me caguei... Mas nunca faltou nessa mesa, um prato de sopa!”

MOMENTO 4.

*(A Mãe volta. Um carrinho térmico. Aparelhos de exames.
Recipientes escaldantes de esterilização)*

PAI – Tem coragem de vir aqui, puta...

MÃE -...

PAI -... Cheiro de puta...

MÃE – Sente isso? *(Toca os dedos do pé do Pai)*

PAI -... Feito uma cadela... A macharada atrás...

MÃE – Sente isso? *(Toca os dedos da mão do Pai)*

PAI - Sem vergonha...

MÃE – Sente isso? *(Martela suavemente o joelho do Pai)*

PAI – Entra na minha casa...

213

MÃE – Pode acompanhar a luz? *(Pequena luz na retina do Pai)*

PAI -... Rebolando essa tua bunda...

MÃE – Tente engolir. *(Com os dedos, sente o movimento no pescoço do Pai)*

PAI – Vadia, lazarenta...

MÃE – Hoje vamos tentar um pouco mais pastoso.

PAI – Me dá essa tua boca...

MÃE – Pouca carne, muito peixe, tudo cozido a vapor. Legumes, verduras, pouca gordura... Pouco sal...

PAI – Me dá a tua boca...

MÃE – Pus um pouquinho de capim santo. Combate a ansiedade e o cansaço.

PAI – Fica aqui.

MÃE –... *(Se aproxima do velho)*

PAI – Fica...

MÃE -... (*Quase toca a face do velho*)

PAI -... Fica... Comigo...

FILHO – (*Entra e pára ao pé da mesa/catre*)...

215

MÃE -...

PAI – Fica...

FILHO – (*Para a Mãe*) Nada?

MÃE – Nada. *(Sai)*

*(O Filho pega a sopa no carrinho e serve um prato. Asso-
pra. Esfria. Cuidadoso. Alimenta o Pai como se alimentas-
se uma criança triste)*

216

FILHO – Ummmm... O cheirinho tá bom...

PAI -...

FILHO – Você gosta?

PAI -... *(Não consegue engolir)*

*(O Filho limpa a sopa do rosto do velho. Com uma das
mãos pressiona as bochechas do velho e introduz um*

pouco de sopa na sua boca)

FILHO – Isso... Eu também gosto.

PAI -... ..

FILHO – Você tem mulher, velho?

217

PAI -... (*Respira fundo*)...

FILHO – Filho?

PAI -... (*Respira fundo*)...

FILHO – Amigo?

PAI -... (*Respira acelerado... Acelerado*)...

FILHO – Bom, isso é bom.

PAI -... (*Acelerado... Acelerado... Acelerado*)...

FILHO – Um dia eles aparecem, velho.

PAI -... (*Lágrima*)...

FILHO – Mas agora... Só eu e você, velho.

PAI -... (*Lágrima*)...

FILHO – Só mais uma... *(Dá mais uma colherada)*

PAI -... *(Engole... Lágrima)*...

FILHO - *(Dá mais uma colherada)*

219

PAI -... *(Engole... Lágrima)*...

FILHO - *(Dá mais uma colherada)*

PAI -... *(Engole... Lágrima)*...

FILHO - *(Dá mais uma colherada)*

PAI -... (*Engole... Lágrima*)...

FILHO - (*Dá mais uma colherada*)

PAI -... (*Engole... Lágrima*)...

(*Silêncio. Silêncio. Silêncio*)

Sílvia Monteiro Atua profissionalmente no Teatro desde 1986. Em 1996, com Luiz Carlos Pazello, fundou a Confraria Cênica, onde atua também como diretora e dramaturga. Já teve encenados os textos: *A Mulher* (1998); *As Histórias do Juca* (1999) e *AS FACES DO CIÚME* (2010), uma nova leitura do *OTELLO* de Shakespeare. É professora do Bacharelado em Teatro da PUC PR – nas cadeiras de Improvisação e Interpretação. Tem Graduação e Mestrado em Filosofia.

Integra os Grupos de Pesquisa(CNPQ) – ***Filosofia e Psicanálise e Filosofia e Cognição.***

Integrante do Núcleo Permanente de Dramaturgia do SESI.



Janja
Lugamenhum

{Peça escrita durante a Oficina Regular do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná, sob orientação de Roberto Alvim, no ano de 2010}.



Janja
Lugarnenhum

Para Guga e Théo

“A matéria...não é aquela coleção de objetos sólidos e estáticos espalhados no espaço, mas a vida vivida no cenário que eles compõem; assim, a realidade não é aquele cenário externo, mas a vida que nele é vivida. Realidade é ‘coisas como elas são’.”

Wallace Stevens

PRIMEIRA PARTE

Meio dia. Sol a pino. Uma aldeia abandonada. Só se ouve o vento soprando quente. Um casebre com metade do telhado desabado. Lá dentro não há luz, só a que entra pelo buraco no telhado. Como se estivessem ali há muito tempo, há séculos, estão deitados num catre um homem e uma mulher. Estão suados, amortecidos pelo calor.

231

PÉ AMARRADO- Tô com fome.

CICARINO- Dorme.

PÉ AMARRADO- Não consigo.

CICARINO- Dorme.

Ela se levanta com dificuldade e vai até a porta mancando. Tem um pano amarrado no pé direito onde se vê um pouco de sangue misturado com pus. Ela enxerga um ponto preto na estrada poeirenta. O ponto vem se aproximando, instável, cambaleante. É um homem trôpego, ao

que parece bêbado.

ESTRANHO- Preciso de ajuda pra enterrar minha menina.

PÉ AMARRADO- (chamando o homem que está lá dentro) Cicarino.

CICARINO- Dia.

ESTRANHO- Preciso ajuda, dinheiro.

CICARINO- Aqui não sobrou nada moço, nada. Nem dinheiro, nem comida, nem nada.

O estranho desaba no chão, faz um barulho seco, oco ao cair. O homem e a mulher se olham e o tiram do sol, levam-no para dentro da casa. Tiram a faca que ele carregava na cintura. Deitam-no no catre.

PÉ AMARRADO- Esse quem será? Tem jeito que carrega muitas mortes.

CICARINO- Larga de bestagem.

PÉ AMARRADO- Tenho medo. Ele tem cara de ruim.

CICARINO- Fecha a boca. Só faz falar bestagem.

O estranho vai acordando, ele treme, parece ter febre, delira.

ESTRANHO- Não tenho com que pagar, seu padre. Enter-
ra minha menina, ela é um punhadinho assim de nada...

CICARINO- Eita, esse aí tá é amalucado. Tá sonhando
pesadelo.

233

A mulher olha-o com curiosidade. O estranho volta a dormir, mas inquieto, se mexendo muito.

Fim de tarde, já está escurecendo,o homem entrega a faca à mulher.

CICARINO- Vou vê se pego alguma coisa. Aquele bezerro
fujão hoje não me escapa.

PÉ AMARRADO- Vai não, Cicarino, tenho medo desse daí.

CICARINO- Larga de ser boba. Desse aí não carece de ter medo. É maluco manso. Tá só com o juízo frouxo.

PÉ AMARRADO- Mas e se ele for algum malvado?

Homem sai. Estranho acorda. A mulher está nua.

ESTRANHO- Cadê seu marido?

PÉ AMARRADO- Ele não é meu marido, é meu irmão.

ESTRANHO- Onde ele tá?

PÉ AMARRADO- Foi vê se arranja alguma coisa de cumê.

Silêncio.

PÉ AMARRADO- Eu tenho medo de ficar aqui sozinha de noite. Medo de ele não voltar. Ele cuida de mim mas já tá cansado. Vai ver me deixou pra você cuidar. Aproveitou a

oportunidade da sua presença.

ESTRANHO- Eu já tenho uma morta pra cuidar.

Ouve-se um bebê chorar no outro cômodo.

ESTRANHO- É seu, sua a criança?

PÉ AMARRADO- Nosso, nosso filho. Por isso que eu tô assim podre, um lodo só. Não sai leite de mim, só lodo. Meus pé tão sempre cheio de lama. O Senhor vai fazer aquilo comigo?

235

Ouve-se o choro de mulheres carpideiras, como se estivessem se aproximando num cortejo fúnebre.

Noite. Não há lua no céu. Dentro do casebre a mulher acende uma vela. O estranho está agora sem roupa. Ela coloca um vestido puído.

PÉ AMARRADO- Como é que chama o nome do Sr.?

ESTRANHO- Serafim.

Pausa. Ela fica olhando fixamente para ele durante algum tempo, como se quisesse decifrar um enigma.

PÉ AMARRADO- Eu sinto um negócio na sua presença. Um negócio que me aperta a garganta e quer sair pela boca. E eu não sei se é bom ou ruim.(Pensa um pouco) Parece um nojo bom.(Ela que estava em pé, senta-se ao lado dele) O Senhor quer viver e morar aqui comigo?

SERAFIM- Eu não fico em lugar nenhum não, Dona. Não sou de nenhum lugar. Eu gosto de andar, não sei ficar quieto. Eu tô sempre indo, sem nunca chegar em parte alguma.

PÉ AMARRADO- E o Senhor pode me levá junto nas suas andança? (Ela se ajoelha diante dele) Eu lhe peço, seu Serafim, por misericórdia, não me deixe ficar aqui sozinha.

SERAFIM- E a criança?

PÉ AMARRADO- Ela tá morta. Ainda dá pra ouvir o choro dela, mas ela tá morta já faz tempo. Eu não tinha leite. Eu deixei o corpinho do lado da árvore e fui pegar a pá, quando voltei os abutre já tinham comido toda a carne dela, só deixaram os ossinho limpinho, a carcaça limpinha na lama. Aí eu enterrei ela do lado da árvore. Árvore seca, mas árvore. Árvore muda, não tem folhas pra cantá no vento.

SERAFIM- Minha filha também morreu faz tempo, mas sempre parece que foi ontem.

Outra parte do telhado desaba. Eles saem do casebre e ficam olhando o nada. Ela vai até a árvore. Ele vai atrás dela. Sentam-se ao lado da árvore seca. Silêncio. Ao lado da árvore há uma pequena cruz.

PÉ AMARRADO- (Apontando a cruz) Aqui.

Ela arranca a cruz da terra e com as mãos começa a ca-

var. Encontra uma lata quadrada, tira a tampa e mostra os ossinhos a Serafim, os ossos brilham muito brancos em contraste com a escuridão da noite.

SERAFIM- Bonito.

PÉ AMARRADO- Como é que o osso não apodrece?

238

Silêncio.

Ela fecha a lata e coloca-a dentro do buraco . Joga terra por cima da lata e ajeita delicadamente com as mãos deixando a terra plana.

PÉ AMARRADO-(Depois de um longo silêncio) Às vezes eu penso que eu sou que nem essa árvore e que talvez eu nunca nem consiga sair daqui.

Silêncio.

PÉ AMARRADO- Tô com frio.

Serafim a abraça, passa a mão pelos cabelos sujos dela, a beija no rosto e começa a tirar o vestido dela. Fazem sexo em cima do túmulo da criança. Dormem. São acordados pela luz do sol, os dois estão estirados na terra. Ela começa a tirar o pano do pé.

PÉ AMARRADO- Minha ferida tá secando, tá sarando.

239

SERAFIM- Então vamos pegar a estrada.

Ela abre um buraco pequeno no chão e enterra o pano. Pega o vestido e pendura na árvore.

PÉ AMARRADO- Ela agora toma conta do pequeno.

SERAFIM- Ela?

PÉ AMARRADO- A árvore. Hoje ele não chorou, antes chorava quase todo o tempo.

Eles se dirigem para a estrada nus. Já na estrada.

PÉ AMARRADO- Serafim, inventa um nome pra mim.

SERAFIM- (sorrindo) Rosa.

ROSA- Rosa.

SEGUNDA PARTE

Meio dia. Sol a pino. À frente da estrada um caminho extenso e aberto. Ouve-se uma hipnótica melodia circular. Rosa e Serafim estão suados e cansados. Estacam de repente.

SERAFIM: Você tá vendo o trem?

241

ROSA: Em dias assim, de muito calor, a gente vê coisas sem som, elas não são de verdade, elas acontecem, mas não aqui, acontecem em outro lugar.

SERAFIM: A outra paisagem viaja pra cá?

ROSA: Eu já vi otros trem passá por aqui, sem trilho e sem apito, não era de verdade, nem era invenção. É miragem. Eu vejo gente que eu nem conheço, que usam otros tipo de traje e que não falam, eu só vejo as boca mexendo, mas não sai som. Quando as pessoa não têm som é porque elas não existem aqui, mas em outro lugar.(Pensa) A

gente vê o que já foi visto em outra parte. Não sei explicá, mas é. (Pequena pausa) Uma vez eu vi um galinheiro inteiro, cheio de ovo, eu com fome. Era só miragem.

SERAFIM: É ilusão. Não pode ter trem sem trilho.

ROSA: É. É como sonho, uma verdade que acontece em outro lugar. (Pequena pausa) Essa noite eu sonhei com uma árvore, um pé de louro, muito formosa.

Debaixo do sol, dentro da escuridão, aparece na estrada um cego. Quando percebe o som dos passos de Rosa e Serafim, o cego para de andar.

CEGO: Quem vem lá?

O cego vai se aproximando dos dois. Ele cheira à cachaça.

SERAFIM: (Para Rosa) Se ele fala, ele existe, não é ilusão.

ROSA: (Para Serafim) Ele fala pra fora e vê pra dentro.

CEGO: Dia.

ROSA: Dia.

CEGO: Qual é o seu destino, Dona?

ROSA: Longe.

CEGO: Mais aí pra frente, ali adiante, tem um povoado, Livramento é como se chama.

ROSA: E o Senhor tá indo pra onde?

CEGO: Pra nenhum lugar, só tô fugindo.

ROSA: O Senhor cometeu alguma errância?

CEGO: Fui da peste. Aqui sempre teve alguma coisa que engole as planta, os bicho e as pessoa todas. Só que essa coisa sempre foi mais vagarosa. Agora tá veloz e se chama peste. Seca e engole tudo. As pessoa secam ardendo em febre, e veem coisas que não existem. Aqui sempre morreu muita gente, mas nunca assim tão de repente e tudo de uma vez. Só uma criança nascida pura é que pode salvar Livramento dessa peste. (Rosa olha para Serafim)

Pausa. Cego para Rosa.

CEGO: (Estendendo a mão) Se aproxigue, Dona. A Senhora tem um cheiro doce. Posso lhe tocá nas feição do rosto? (Ele leva a mão até o rosto dela e vai descendo pelo pescoço até tocar o peito, percebe que ela está nua, sente um líquido na mão, ele cheira e leva até a boca) Leite. (Pequena pausa) A Senhora dará à luz um grande poeta. Se a Senhora, Dona, tem algum amor pelos seu semelhante, se enderece até Livramento e entregue essa criança a Dona Menina, ela é uma velha mandingueira e vai lhe dizer o que fazer.

SERAFIM: Mas é nosso o filho. No nunca que vamo entregá.

CEGO: Se quiserem evitar um futuro de desgraça e errância façam o que lhes digo.

O cego toma uma inspiração profunda e continua seu caminho pela estrada. Assovia.

ROSA: Chagas de Cristo! A vida é mesmo cravo e espinho. É só padecimento.

Serafim e Rosa veem então as mulheres carpideiras, todas de negro, mas agora só as bocas se movem, não se ouvem mais seus cantos e lamentos. Só gestos sem som.

ROSA: E agora, Serafim? Eu tenho medo, não quero dar minha cria, nem passá por perto dessa peste.

245

SERAFIM: Vamo então pra cidade, eu ouvi dizer que é um lugar que existe e que tem esquinas, que é onde as coisas acontecem. Esse cego falava, mas era meio velhaco, meio fantasma o feioso. Talvez ele nem exista e tudo foi só fantasia. Na cidade tem fruta molhada pra gente cumê.

ROSA: Minha mãe dizia que é perigoso ser peregrino. Que se a gente nasce num lugar, deve morrer nesse lugar. A gente é aqui.

Ouve-se o apito de um trem. Serafim e Rosa ficam extasiados diante da visão.

SERAFIM: É uma estação.

ROSA: Eu escutei o apito do trem e vi o trilho.

Serafim segura na mão de Rosa e correm em direção ao trem. A luz se intensifica, um sol que cega. Na claridade crua do dia, o trem se dissolve. Rosa começa a ter contrações. A criança nasce embaixo do sol. Chora muito forte.

SERAFIM: É macho.

ROSA: Ele tá quente, fervendo. O coraçãozinho dele tá pulando que nem um cabrito, acho que tá assustado de ser vivente.

A criança mama vorazmente no peito de Rosa.

ROSA: Esse há de vinga. Há de não ter má sina.

SERAFIM: Vamo imaginá um nome prele.

ROSA: Expedito.

Fim de tarde. Rosa está sentada na beira da estrada com a criança no colo. Serafim lhe entrega umas raízes que encontrou. Comem.

SERAFIM: (Apontando uma cicatriz no ombro dela.) O que que lhe aconteceu aqui?

247

ROSA: É marca de cicatriz. Arranhão, só. De faca. Não chegou a ser furo. No dia que a criança morreu, Cicarino bebeu toda a cachaça. Ficou nervoso. Disse que eu era palerma, que não carecia de tanta lágrima. Que era melhor que a infeliz da criança tinha morrido. Eu fiquei com raiva, aí eu olhei fundo no olho dele e disse: “ _ Você tá é com o capeta!” Aí ele voou pra cima de mim com a faca. Saiu e ficou vários dia sem voltá.. Até que voltou, arrependeu. (Pequena pausa. Às vezes eu penso que eu imaginei o antes, que nem nada aconteceu.

SERAFIM: Que fim será que levou o seu irmão?

ROSA: Vai saber. Aqui é o vácuo, o ar daqui consente que tudo aconteça.

SERAFIM: Você sente falta dele?

ROSA: Demais. Ele era ruim mas era bom.

Silêncio. A noite cai. Vagalumes. Dormem. O dia levanta.

ROSA: Sonhei que eu tava empurrando uma pedra muito enorme, maior do que eu própria.

SERAFIM: Eu sonhei que a gente tava chegando até onde tem o mar.

ROSA: Serafim, é melhor entregá o menino. Dar ele. Na estrada ele pode perecer. E eu não quero mais enterrá filho morto. Não careço de ter ele perto de mim, só quero que ele vingue. Não quero ver o bichinho morrer.

SERAFIM: Rosa, eu tenho muita vontade de ver o mar, de atravessar o mundo. Se você quiser a gente deixa o menino e aí a gente vê o mar e depois chega em algum

lugar, e eu aprendo um ofício.

ROSA: Eu não tenho, Serafim, essas querências tão grande assim que nem você. Eu só queria ter era um galinheiro, com muita galinha e ovo. Mas eu vô com você, porque eu gosto muito da sua presença.

TERCEIRA PARTE

Rosa, a criança e Serafim seguem na estrada. Meio dia. Sol a pino. Ouve-se o sino de uma igreja e latido de cães. Chegam a Livramento. Estão diante de Dona Menina, uma feiticeira pagã, parda e descabelada, que tem o rosto muito trabalhado pelo tempo; ela coça muito a cabeça, como se tivesse piolhos. A velha fuma e tem um cheiro azedo.

250

DONA MENINA: Ei-la. Eu tava lhe esperando, filha. É essa então a criança?

ROSA: É nosso filho, Dona, mas não temo como cuidá dele na estrada.

DONA MENINA: Aqui ele vai receber tratamento de rei. Ele é muito aguardado pela aldeia toda. Mas vós, filha, ainda tem muita pedra pra rolá. Vós sabe que seu destino cá na terra é só cravo e espinho. Vós ainda vai viver muita treva e perfeição. Vós nunca é que vai tirar os pé

do sertão, tua raiz é aqui. Vós sabe qual é o sacrifício da criança?

ROSA: O cego só disse preu lhe entregá ele. (Desconfiada.) Falou nada de sacrificio não.

DONA MENINA: É a língua que ele tem que perder. A gente corta a língua e ele nos livra, nos salva. Precisa verter sangue e devolver a língua pra terra, enterrar ela, um pedaço da carne do inocente. Ele nem dor vai sentir, porque ele vai ser amortecido com ervas. E aí ele vai viver num mundo próprio, num silêncio dele próprio, nem nunca vai ouvir a própria voz, mas vai salvar muitas vidas.

ROSA: (Aturdida) Mas nunca é que eu vou deixar arrancarem a língua dessa criança.

DONA MENINA: Calma, filha. Vigie, aqui ele vai receber ensinamento. Vigie: “Quem acompanha o seu destino, o guia. Quem se opõe a ele é por ele arrastado.” Aqui, na terra, tudo vem e vai. Tem que deixá chegar, tem que deixá passar. Tudo que já foi está por vir e tudo que virá já foi.

ROSA:(com raiva) Eu não gosto do jeito que a senhora fala as palavra, dona. Não vou deixar cometerem essa judiaria com a criança. Ele nem num pode escolher. Eu se puder dou minha língua por ele, no lugar dele, mas não vou deixar fazerem isso com o bichinho que nem sabe de nada. Não vou deixar fazerem isso como se ele fosse pertencido de ninguém. Vós é uma bruxa maldita que tem osso no lugar do coração!

SERAFIM: Vamo embora, Rosa.

ROSA: Espera. (Para Dona Menina) Eu posso, Dona, dá minha língua no lugar da dele?

DONA MENINA: Pode, vós também é pura e inocente, tem coração bom.

ROSA: (Para Serafim) Então vai Serafim, vai ver o mar, leva ele, o pequeno, com você, mostra o mundo pra ele e ensina ele a ser alegre. Eu fico aqui. Sem língua vai ser como se eu tivesse de castigo. Quando eu era pequena e ficava de castigo, eu brincava de pensar. É o que eu vou fazer agora, vou ser muda como uma pedra e pensar.

Pelo menos eu vou fazer alguma coisa de utilidade nesse mundo. Vou livra as pessoa da aldeia do fogo, da peste. (Para Dona Menina) Eu só lhe peço, Dona, que dê condição deles chegarem até o mar. Lhes dê de comer e beber e uma condução pra que eles cheguem em segurança até o destino. (Para Serafim) E vou lhe pedir, Serafim, pra que ensine uma canção pro nosso menino, minha mãe cantava ela pra mim e pra todos os meus irmão que se perderam no mundo (Rosa canta rindo simples):

253

Amanhece, anoitece

Nossa pele apodrece

Roda, roda

Gira o mundo

Brilha a estrela

Clara, clara

Lua cheia, lua escura

Sol de maio

Fura o dia

Céu bem claro

Beija o chão

No clarão, na escuridão

Dorme, dorme

Meu bichinho

Dentro do meu coração.

A música é uma melodia circular, mântica. A luz vai caindo
em resistência. Black out.

Janja Atriz e produtora, nasceu em Curitiba em 1973. Formada em Artes Cênicas pela PUCPR em 1995. Participou do núcleo de pesquisa do Ateliê de Criação Teatral, sob a coordenação de Luís Melo, de 2001 a 2006. Produziu e atuou em “Capitu memória editada”, peça que ganhou em 2005 o Troféu Gralha Azul de melhor espetáculo, texto e direção. Em 2008 criou a Parabólica Oficina de Arte.



FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ | FIEP

Edson Campgnolo

Presidente

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA | SESI | Depart. Reg. do Estado do Pr

José Antonio Fares

Diretor Superintendente

Maria Cristhina de Souza Rocha | Gerente de Desenv. de Produtos

Anna Paula Zétola | Gerente de Cultura

Sergia Regina Chapelen Dubas Martins | Gerência de Cultura

Neiane da Silva Azevedo Andreato | Gerência de Cultura

Janaina Coelho Adão | Gerência de Cultura

NÚCLEO DE DRAMATURGIA SESI PARANÁ

Marcos Damaceno | Coordenação e Produção

Roberto Alvim | Orientação da Oficina Regular de Curitiba

Janaina Fukushima | Assistente de Produção

Elenize Dezgeniski | fotografia

Gabriela Mellão e **Lucianno Maza** | Curadoria externa

CENTRO CULTURAL TEATRO GUAÍRA

Monica Rischbieter | Diretora Presidente

Mara Moron | Diretoria Artística

Walter Calabresi | Diretoria Administrativa e Financeira

BRITISH COUNCIL

Jim Scarth | Diretor do British Council Brasil

Eric Klug | Diretor do British Council São Paulo

Luiz Coradazzi | Diretor de Artes

Pedro Vargas | Gerente de Projetos

Malu Penna | Analista de Projetos

Catálogo

Pandita Marchioro

Projeto Gráfico

Maria Cristina Pacheco

Realização:



Parceria:



Apoio Cultural:

